



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA E ZOOLOGIA

LABORATÓRIO DE ECOLOGIA HUMANA E ETNOBOTÂNICA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**RETRATOS DE DOIS MOMENTOS: PLANTAS DE USO MEDICINAL NAS
COMUNIDADES DA COSTA DA LAGOA E DO CANTO DOS ARAÇÁS,
FLORIANÓPOLIS, SC**

Mel Simionato Marques

Florianópolis, 2010.



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA E ZOOLOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**RETRATOS DE DOIS MOMENTOS: PLANTAS DE USO MEDICINAL NAS
COMUNIDADES DA COSTA DA LAGOA E DO CANTO DOS ARAÇÁS,
FLORIANÓPOLIS, SC**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Ciências
Biológicas da Universidade Federal de Santa
Catarina, como requisito para obtenção do
título de bacharel em Ciências Biológicas

Orientadora: Professora Doutora Natalia
Hanazaki

Acadêmica: Mel Simionato Marques

Florianópolis, 2010.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho que você tem em mãos carrega consigo uma história além das informações nele registradas. Ele é, com certeza, um Trabalho de Conclusão de Curso, aquele em que experimentamos durante a graduação descobrindo como é pensar e desenvolver um projeto de pesquisa e todas as etapas que o envolvem, com uma revisão bibliográfica, objetivos, metodologia, cronograma, resultados e discussão, considerações finais...

Assim como em qualquer outro trabalho, não estão registrados todos os “perrengues” que se passa como pesquisador com imprevistos no cronograma, como o clima desterrense (que pode permanecer chuvoso durante um longo período), a impossibilidade de se entrevistar uma ou outra (ou várias!) pessoa(s), por mil e um motivos, ou ela trabalha o dia inteiro todos os dias da semana, ou não fica em casa nos finais-de-semana, ou pega uma gripe forte, ou tem que cuidar da casa, dos filhos, não pode dar atenção ou simplesmente não se interessa em participar de “mais uma dessas pesquisas da universidade já que depois nunca mais nem ficarão sabendo onde foi parar aquela papelada”, aquele monte de anotações e muito menos – como é mesmo o nome?! – aquela pessoa que se diz cientista.

Da mesma forma, não se podem sentir os prazeres e a satisfação de encontrar e poder conhecer pessoas tão simpáticas e gentis, que cedem seu precioso tempo e abrem as portas de suas casas, compartilhando não somente seus conhecimentos e memórias, mas também seu café e sorriso, às vezes lágrimas e confidências!

Enfim, este é – além de um “TCC” – o registro de alguns meses de trabalho, vivências e convivências, encontros e reencontros... Os reencontros eu explico contando a história de anos que está por trás desses meses: frequento a Costa da Lagoa desde meus 4 anos de idade, sempre levada por uma figura muito importante na minha vida, educação e formação.

Meu pai viveu e trabalhou durante vários anos de sua vida na Costa, aprendeu e ensinou, fez amigos que duram mesmo depois de outros tantos anos fora da comunidade. Ele me levava pela trilha, algumas vezes à noite com a lua cheia servindo de “pomboca”. Até hoje sinto picadinhas de formiga e lembro rindo, ele tentando me distrair do incômodo. Se íamos durante o dia, ele mostrava incansável todas aquelas plantinhas, que na época eram pra mim apenas “folhas verdes que davam no mato”...

É a ele a quem devo, não só a decisão de fazer meu TCC na Costa da Lagoa sobre plantas medicinais, mas também o conhecimento sobre o trabalho da Roberta, o gosto pelas plantas (não só por seus nomes científicos, mas também aromas e sabores), pelas histórias de vida das pessoas, de suas tristezas e alegrias, processos de adoecimento e cura.

Eu certamente poderia passar muitas horas mais conversando com essas e outras pessoas, “da Cóxta” e “du Araçá”, ouvindo suas histórias, sobre as plantas e tudo o mais que me quisessem contar!

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Natalia Hanazaki, por me orientar sempre com paciência (mesmo nos meus momentos de surtos e desesperos) e pelo apoio quando mudei a área de estudo e o projeto ao descobrir a existência do TCC da Roberta. É com ela também que tento aprender a cada dia a ser mais objetiva e eficiente, mantendo a calma.

À Roberta Moriconi Freire Schardong, Eliana Diehl e Mariana Giraldi, por aceitarem o convite para participar da banca. À Roberta agradeço pelo TCC, que me oportunizou desenvolver o meu (mesmo sem saber que isso aconteceria todo este tempo depois!). À Eliana, por também ter aceitado ser consultora do projeto e me fazer pensar diversas coisas sob outro ponto de vista, convidando-me a ser mais cuidadosa com as palavras e colocações. À Mari, por me proporcionar o contato com a etnobotânica de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão ao me permitir acompanhar sua pesquisa, pelas longas conversas, belas fotografias e por nossa amizade.

Ao Cesar Paulo Simionato, por me apresentar a Costa da Lagoa e sua gente; por buscar despertar em mim, desde pequeninha, o interesse pelas plantas e a observação da natureza; por identificar as plantas neste trabalho, chamando a minha atenção sobre características não somente morfológicas, mas também relacionadas a outros sentidos; por ter sido um co-orientador em período integral (mesmo ele não aceitando este título); por colocar a Clau, o Tales, o Gi e o Tomaz na minha vida, tornando-a mais doce e divertida; por ser sempre calmo, atencioso e carinhoso comigo; por me ensinar que o amargo, o escuro e o frio são tão importantes quanto o doce, a luz e o calor, sendo impossível a existência de uns sem os outros; e acima de tudo por ser o meu paizão!

Às minhas mães, Maria de Fatima Marques da Silva e Ester Costa Machado, por fazerem eu me sentir sempre muito especial, amada e querida (ou seria “escolhida” a melhor palavra?); por me educarem sempre em “liberdade com responsabilidade”; por me deixarem ter animaizinhos de estimação, mas me fazer cuidar deles; pelo apoio e incentivo nas minhas decisões; por me proporcionarem uma criação com menos preconceitos; por termos nos mudado para Florianópolis no momento “certo”; pelos exemplos de força (sempre acompanhada de ternura), determinação e autonomia; por me ensinarem que todos erramos, mas que o que importa é a lição que tiramos das situações; pelo amor incondicional!

À minha “boadrasta”, Claudete Espíndola Tomaz, por ser uma grande amiga sempre; por me mostrar a importância de se manter sempre com a “cabeça aberta” às possibilidades e viver intensamente os momentos e sentimentos; pela casa da Vila Verde, seja emprestando

para aniversários e fins-de-semana, seja alugando pros amigos queridos; por me dar irmãos lindos e questionadores; pela paciência com as teimosias do meu pai.

Aos meus irmãos, Tales, Giordano e Tomaz (na ordem de nascimento, e não de importância, ouviram?!), “surgindo” na minha vida quando eu achava que minha encomenda de irmã(o) jamais chegaria; por me chamarem de “mana”; pelo carinho com que me recebem toda vez que eu chego, com beijos babados e abraços beeem apertados; pelas perguntas (mesmos as mais constrangedoras); amo vocês de paixão, mesmo com o mau-humor pré-adolescente (viu, Tales?), mesmo quando ficam procurando e apontando defeitos em mim (né, Tomaz?) e especialmente quando se viram pra mim do nada e dizem “te amo!” (sabia, Gi?).

A todos os demais familiares, de perto e de longe, principalmente aos que se fazem mais presentes na minha vida! À tia Creuza, um agradecimento especial, pois além do carinho e atenção de sempre, proporcionou uma vida acadêmica mais tranqüila e confortável, pertinho da universidade, poupando as várias horas diárias nos ônibus e congestionamentos para o sul da Ilha e incentivando sempre meus estudos e viagens.

À grande família, especialmente à antecessora Rô; à família amazonense, principalmente Dadá (mãe manauara) e Aída; aos companheiros de casa em Manaus, Pinkinha, Ramon e, eventualmente, Julinhozinho e à extensão desses, Licia e Zô; à Mari Cassino, pela oportunidade de acompanhar seu projeto de mestrado e por segurar minhas pontas com os perrengues manauaras; à famíííííia (vocês sabem quem são!).

À Mah, pela amizade absurdamente forte, mesmo sendo tão diferentes uma da outra; à Mari, companheiríssima de casa, pelos cafés, bolachas de gergelim com tahine e mel, comidinhas gostosas, risadas e conversas infinitas; à Ju, por mostrar um coraçãozinho mole por trás da cara de bravíssima; ao Briga, pelo amooooor, fotografias lindas, pães, petit gâteaux e outras gostosuras; à Cacazinha pelo sorriso constante e pelos batuques; à Gabi priuma, o melhor resgate de todos os tempos, pela assessoria em vááários assuntos aleatórios.

Por fazerem meus dias mais coloridos, Dabi, Rombens, Mari Barardi, Brai, Bruninho, Renê, Andrezinho, Kika, Gala, Zique, Marina, Kenny, Ale, Lubs, Lari Juks, Lari mermão, Tiri, Xitão, Ju Lorenzi, meninos do Jesus e seus Apóstulus.

Ao pessoal do LEHE, Vique-ique, Mari Giraldi, Elisa, Sofia, Aninha, Leo, Rê, Fer, Ivan, Laura e Nivaldo, pelas conversas, cafés, almoços, referências bibliográficas e amizade.

Ao Centro Acadêmico da Biologia, por me proporcionar diversos aprendizados e experiências, comprovando que a vida universitária vai um bom tanto além das salas de aula; ao Centro de Ciências Biológicas, pelo apoio em várias situações, auxiliando a resolver

questões tanto coletivas quanto individuais; ao professor e coordenador Alcir e à Aninha, que fizeram toda a diferença na organização e andamento do curso.

À Universidade Federal de Santa Catarina pela bolsa de Trabalho de Conclusão de Curso e trajetória acadêmica.

E um agradecimento especial às pessoas que tornaram possível este trabalho, André, Andreza, Catarina, Chica, Danilo, Delgícia, Denézia, Dinézia, Djalma, Elita, Giselle, Guilherme, Joana, Laci, Leandra, Márcia, Margarete, Maria, Mariazinha, Marlete, Marli, Naelzo, Onélia, Renildo, Ricardo, Rose, Sandra, Terezinha, Vadinha, Valdelina, Valmira e Zulma, por abrirem suas portas e compartilharem seus conhecimentos comigo.

Meu carinho e minha gratidão a todos vocês!

RESUMO

A partir de um levantamento sobre plantas de uso medicinal nas comunidades Costa da Lagoa e Canto dos Araçás efetuado no ano de 1996, foi realizado um estudo sobre as plantas medicinais atualmente conhecidas e utilizadas nessas duas comunidades, com o intuito de retratar o conhecimento etnobotânico acerca destes recursos em dois momentos temporalmente distintos. A metodologia consistiu de entrevistas semi-estruturadas e turnês guiadas para a realização das coletas botânicas. Participaram da pesquisa 29 pessoas entre 21 e 82 anos de idade, de 3 grupos de informantes: reentrevistados ($n=13$), seus descendentes ($n=12$) e informantes-chave atuais ($n=4$), selecionados pelo método bola-de-neve. Foram calculadas as médias de citação por grupo de informantes e o coeficiente de Jaccard para verificar o índice de similaridade entre as listas de espécies levantadas. Na listagem livre foram citadas 98 plantas medicinais, distribuídas em 37 famílias botânicas. Dentre essas citações estão plantas cultivadas, extraídas e compradas. As plantas mais citadas pelos grupos de informantes foram: malva (*Malva parviflora* L.) e maçanilha (*Chamomilla recutita* (L.) Rauschert) pelos reentrevistados; hortelã *Mentha* spp. e boldo (*Plectranthus barbatus* Andrews) pelos descendentes; e alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) e erva-cidreira (*Melissa officinalis* L.) pelos informantes-chave. A folha é a parte da planta mais utilizada por todos os grupos e o modo de preparo mais comum é a infusão, seguido de decocção. O aprendizado sobre as plantas se dá principalmente através das relações familiares e de amizade, além de outras fontes de informação, como benzedeiras, programas de televisão, livros, entre outras. Dentre os grupos estabelecidos, o de informantes-chave atuais foi o que maior média de citações apresentou ($21,5 \pm 4,33$), ficando os outros grupos mais próximos entre si, sendo a média dos reentrevistados $12,77 \pm 3,48$ e dos descendentes $11,83 \pm 3,60$. As listas mais semelhantes entre si foram a dos reentrevistados e seus descendentes ($S_j=0,54$; ou aproximadamente 54% de similaridade, Tab. 1) e as menos semelhantes foram a dos informantes originais comparada com a dos informantes-chave e com a dos seus descendentes ($S_j=0,37$; 37% de similaridade). As pessoas continuam conhecendo e utilizando as plantas, mesmo com as transformações no modo de vida e o acesso ao serviço público de saúde e aos remédios industrializados. Observou-se que muitas plantas citadas não são facilmente encontradas nas comunidades e algumas são obtidas apenas através da compra.

Palavras-chave: etnobotânica, recursos vegetais, conhecimento local, comparações temporais.

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO	11
II.	OBJETIVOS	15
	II.1. Objetivo geral	15
	II.2. Objetivos específicos	15
III.	METODOLOGIA	16
	III.1. Área de Estudo	16
	III.2. Coleta de Dados	18
	III.3. Análise dos Dados	20
IV.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
	IV.1. Informantes da pesquisa	22
	IV.2. Plantas “da Costa” e “dos Araçás” e seus usos	22
	IV.2.1. Com quem se aprende sobre as plantas?	63
	IV.4. Retratos de dois momentos	65
	IV.4.1. Similaridades	67
	IV.4.2. Dinâmica do conhecimento	69
V.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
VI.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
VII.	APÊNDICES	82
	Apêndice 1. Termo de consentimento	82
	Apêndice 2. Formulário de caracterização socioeconômica	83
	Apêndice 3. Formulário de entrevista (adaptado de Schardong, 1996)	84

Apêndice 4. Entrevista com Dona J.....	85
--	----

LISTA DE TABELAS

I.	Tabela 1: Plantas do levantamento de Schardong (1996) e do levantamento atual, com os nomes científicos, famílias botânicas, nomes populares (atuais e passados), indicações citadas (atuais e passados), partes das plantas utilizadas (atuais e passadas) e número de citações do levantamento atual (N cit.).....	24
II.	Tabela 2: Índice de similaridade de Jaccard.....	68

LISTA DE FIGURAS

I.	Figura 1: Área de estudo (Criação: Breithner Monteiro).....	18
II.	Figura 2: Relação do número de plantas com o número de citações.....	60
III.	Figura 3: Distribuição de plantas por família botânica.....	61
IV.	Figura 4: Média de citações por grupo de participante.....	65

I. INTRODUÇÃO

A humanidade possui uma dependência total das plantas, tendo sua história marcada por relações profundas com os recursos vegetais. As plantas constituem-se a base material de várias culturas, nas quais os usos dos recursos vegetais são dos mais diversos e importantes, como é o caso da alimentação e das finalidades medicinais, bem como a construção de moradias e a confecção de vestimentas e adornos (BALICK & COX, 1997). O ser humano é e foi importante agente de mudanças vegetacionais, uma vez que sempre foi dependente do meio botânico para a sua sobrevivência, manipulando-o para suprir suas necessidades, através do uso empírico ou simbólico, ou nos ritos gerenciadores de sua vida e mantenedores de sua ordem social (ALBUQUERQUE, 2005).

A etnobotânica pode ser definida como o estudo das interações entre pessoas e plantas, em sistemas dinâmicos, de componentes naturais e sociais (ALCORN, 1995). Segundo Albuquerque (2005), a etnobotânica está inserida no campo da etnobiologia, sendo que esta compreende o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer cultura sobre os seres vivos e os fenômenos biológicos. Apesar de a etnobotânica como “disciplina” ser relativamente recente, o estudo da interação entre populações humanas e plantas não o é, estando presente em toda a história evolutiva do homem (DAVIS, 1995).

Hanazaki (2004) afirma que, de acordo com diversos trabalhos comparativos, não há restrição do conhecimento etnobotânico a poucos especialistas, ainda que possa estar concentrado em um determinado grupo de pessoas (as mais idosas da comunidade, por exemplo). Analisar como se dá a distribuição do conhecimento, segundo a autora, permite a identificação de possíveis elementos-chave em propostas de conservação dos recursos, bem como da valorização do conhecimento local. Tendo em vista as rápidas mudanças socioeconômicas da maioria das comunidades locais, como é o caso das comunidades Costa da Lagoa e Canto dos Araçás, localizadas na zona leste da Ilha de Santa Catarina, margeando a Lagoa da Conceição, tornam-se cada vez mais necessários estudos direcionados às condições que refletem ou não a conservação, bem como as práticas de manejo de recursos vegetais. A autora ainda afirma que o resgate do conhecimento local representa apenas um início na busca de alternativas para a melhoria da qualidade de vida e para a continuidade das comunidades locais.

O homem é um ser sociável, capaz de intercambiar e transferir aos seus pares informações acumuladas por meio da observação direta da natureza. Este intercâmbio permitiu a perpetuação de informações valiosas sobre assuntos como plantas medicinais e que

foram estudadas e colocadas à disposição da ciência pela etnobotânica. Os usos de uma planta, bem como as razões para tais usos, estão de acordo com os conhecimentos e pensamentos populares. Assim, embora pouco se conheça sobre as propriedades da maioria das plantas de uso medicinal, não se deve considerá-las remédios ineficazes, somente porque as explicações dadas para o seu uso se firmam em associações mentais desconhecidas pela ciência (CASTELLUCCI *et al.*, 2000).

Diversos trabalhos em etnobotânica (PHILLIPS & GENTRY, 1993; CASE *et al.*, 2005; PINTO *et al.*, 2006) expõem o processo de perda ou “erosão” do conhecimento sobre as plantas de uso medicinal, o qual é transmitido oralmente entre diferentes gerações. Segundo Phillips & Gentry (1993) há fortes evidências que sustentam a hipótese de aculturação. Os autores observaram em seu trabalho desenvolvido no Peru, em que analisam, entre outras coisas, a relação entre idade dos informantes e seu conhecimento etnobotânico, que os jovens são aparentemente menos motivados a aprender sobre plantas medicinais do que as pessoas mais idosas.

Amorozo (2004) discute em seu artigo baseado na pesquisa desenvolvida em comunidades rurais do Mato Grosso a complementaridade entre diferentes práticas terapêuticas, dentre elas o uso de plantas medicinais, o qual não é completamente eliminado mesmo onde se começa a ter acesso à medicina moderna. Porém, o fácil acesso à medicina moderna, a ruptura da transmissão do conhecimento tradicional e as transformações no uso do solo, com a destruição da vegetação natural, podem conduzir à redução da disponibilidade de espécies, bem como do conhecimento sobre elas. A autora afirma no mesmo trabalho que ainda que as pessoas continuem utilizando plantas medicinais, estas serão cada vez mais restritas a espécies cultivadas e exóticas, como já é o caso de áreas rurais em regiões mais industrializadas do país.

Begossi (2001) afirma que o conhecimento tradicional vem se perdendo ao longo do tempo, devido, em parte, à falta de interesse dos jovens em continuar com os trabalhos feitos na comunidade, principalmente pela falta de incentivo de políticas públicas. Albuquerque (2008) também aponta a falta dessas políticas como um dos fatores mais graves para o processo de perda do conhecimento tradicional, e afirma que faltam estudos nas áreas mais carentes e há tendências científicas a continuar com antigas técnicas com respeito à conservação da biodiversidade.

A transmissão cultural, – na qual podemos incluir os saberes sobre plantas medicinais – segundo Cavalli-Sforza (2000), pode se dar de duas maneiras principais: a transmissão

vertical, de uma geração à outra e a transmissão horizontal, baseada em outras formas de passagem entre indivíduos não-aparentados, como a observação de ciclos naturais e aprendizagem através da convivência social. Castellucci *et al.* (2000), em seu trabalho realizado no município de Luís Antônio (SP), observaram, a partir de depoimentos registrados sobre conhecimentos etnobotânicos, a perda de tradições culturais relacionada à interrupção do processo de transmissão vertical dos conhecimentos e pela inserção natural dos descendentes no mercado de trabalho.

O uso de recursos naturais por populações locais, de origem rural, é orientado por um conjunto de conhecimentos acumulados, resultante da relação direta de seus membros com o meio ambiente, motivada por um modo de vida que ainda guarda acentuada dependência da natureza próxima. Por meio de observações atentas dos ciclos naturais, da troca de informações entre os pares sociais e do legado cultural, estas populações constroem o seu modo de intervir na natureza (CASTELLUCI *et al.*, 2000). Com acentuadas modificações do meio e do modo de vida associado, é de se esperar que haja consequentes transformações no conhecimento a ele agregado. Assim, o habitante do meio rural passa a consumir com mais frequência produtos urbanos, de forma que seus sistemas *tradicionais* de manejo caem em desuso e o seu arsenal de conhecimentos a respeito do ecossistema em que vive vai se perdendo. Tal fenômeno é marcante no caso do uso de plantas medicinais, já que a maior exposição das comunidades às pressões econômicas e culturais externas, a maior facilidade de acesso aos serviços da medicina moderna e o deslocamento das pessoas para regiões urbanas podem levar à perda do caráter utilitário da farmacopeia popular (AMOROZO, 2002; PINTO *et al.*, 2006).

Resgatar o conhecimento tradicional, transmitido de forma oral através das gerações, por parte das populações locais, deve contribuir como passo importante no processo de conservação da diversidade biológica (CHRISTO *et al.*, 2006). As discussões sobre a conservação da biodiversidade e seus recursos vegetais têm mostrado a importância de se fomentar a diversidade cultural (ROSSATO *et al.*, 1999).

Embora não haja trabalhos aprofundando a dinâmica dos conhecimentos sobre plantas ao longo do tempo, além das possíveis “perdas”, por outro lado, pode haver acréscimo de novos conhecimentos agregando-se ao conhecimento tradicional. Em dezembro de 2008 foi instituído o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (MDS, 2009), que tem como objetivo inserir com segurança, eficácia e qualidade, plantas medicinais, fitoterápicos e serviços relacionados à Fitoterapia no Sistema Único de Saúde (SUS). O programa busca

também promover e reconhecer as práticas populares e tradicionais de uso de plantas medicinais e remédios caseiros (GIRALDI & HANAZAKI, 2010). Essa é uma iniciativa que pode fortalecer a importância e valorização do conhecimento acerca das plantas medicinais. Levantamentos etnobotânicos, juntamente com pesquisas farmacológicas, podem contribuir na elaboração de listas locais e regionais, como a já elaborada pelo Ministério da Saúde em nível nacional.

É importante salientar que este trabalho teve como base principal o Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Biológicas de Roberta Moriconi Freire Schardong, o qual foi desenvolvido entre os anos de 1995 e 1996, sob o título “Levantamento das plantas de uso medicinal nas comunidades da Costa da Lagoa e do Canto dos Araçás, Ilha de Santa Catarina, Florianópolis – SC” (SCHARDONG, 1996). Além deste, foram desenvolvidos outros dois Trabalhos de Conclusão de Estágio do curso de Farmácia da UFSC sobre plantas medicinais na Costa da Lagoa (CORDOVA & DEMÉTRIO, 1994; LAZZAROTTO *et. al.*, 1996), os quais foram consultados durante o desenvolvimento desta pesquisa. Com o levantamento realizado em 2010, pretende-se investigar alguns aspectos relacionados ao conhecimento e uso acerca das plantas medicinais nas comunidades supracitadas nos dois momentos distintos, uma vez que neste período de 14 anos estas sofreram – e ainda sofrem – um intenso processo de transformações ambientais, sociais e econômicas.

II. OBJETIVOS

II.1. Geral

Realizar o levantamento das plantas de uso medicinal nas comunidades da Costa da Lagoa da Conceição e do Canto dos Araçás, Florianópolis – SC a partir de dados de um estudo feito anteriormente (SCHARDONG, 1996).

II.2. Específicos

- Inventariar as plantas medicinais atualmente conhecidas e utilizadas nas comunidades, registrando seus usos, aplicações e modos de preparo;
- Comparar o levantamento de plantas medicinais em momento passado (1996) e atual (2010) nas comunidades;
- Comparar os conjuntos de plantas medicinais citadas por diferentes grupos de informantes;
- Obter indicativos de possíveis mudanças no conhecimento sobre as plantas medicinais, em distintos momentos, com relação à sua manutenção e modificação nas comunidades.

III. METODOLOGIA

III.1. Área de estudo

A bacia da Lagoa da Conceição situa-se na costa centro-leste da Ilha de Santa Catarina, no município de Florianópolis, capital de Santa Catarina. A Lagoa da Conceição é a maior lagoa da Ilha, com uma área de 19,71 km². Situa-se entre os paralelos 27°27'17" e 27°38'36" latitude Sul e entre os meridianos de 48°22'30" e 48°29'54" de longitude Oeste. A sua bacia abrange 80 km² (cerca de 19% da Ilha de Santa Catarina). Suas águas são salinas em resultado da comunicação com o mar pelo canal da Barra, o qual possui cerca de dois quilômetros de extensão. Entre 1998 e 2000, a população residente na bacia da Lagoa sofreu um crescimento anual de 4,77%, mais do que o dobro da taxa de crescimento estadual, atingindo 23.929 habitantes (BITTENCOURT, 2005).

A Costa da Lagoa, comunidade da bacia da Lagoa da Conceição, localiza-se na porção noroeste da mesma, estendendo-se por 3,5 km em sentido norte-sul. O Canto dos Araçás está situado entre a Ponta das Almas e a Costa da Lagoa (Figura 1).

Situada no Distrito da Lagoa da Conceição, a comunidade da Costa da Lagoa sofre um processo de integração com o centro urbano diferenciado das demais comunidades do interior da Ilha. Ao contrário de outros núcleos do interior da Ilha, a Costa da Lagoa não recebeu um acesso para automóveis, sendo que a comunicação é feita por via lacustre e por dois caminhos remanescentes, um que parte do Distrito de Rationes, passando pelo morro da Costa até alcançar o vilarejo e outro tradicionalmente conhecido como o principal acesso para a Costa da Lagoa, que parte do fim da estrada do Canto dos Araçás, na Lagoa da Conceição, até alcançar o vilarejo (DIAS, 2001).

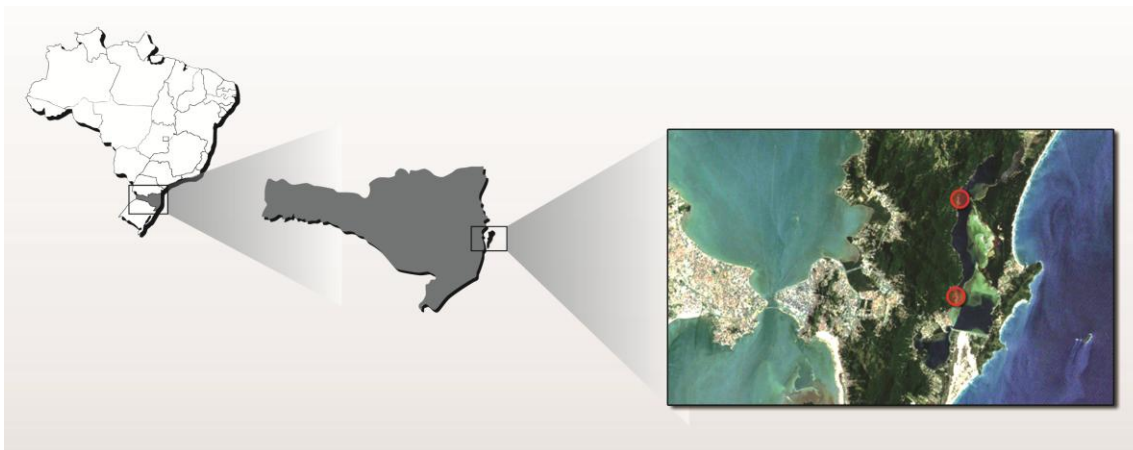
A região da Costa da Lagoa foi tombada como Patrimônio Histórico e Natural do Município de Florianópolis pelo Decreto Municipal nº 247/86, desde a Ponta dos Araçás até a Ponta do Saquinho, e sua comunidade distribui-se em diversos núcleos ao longo do Caminho Geral da Costa, à margem oeste da Lagoa da Conceição. O IPUF (2004), pautado na Lei nº 2193/85, dispõe sobre o zoneamento e o uso e a ocupação do solo nos balneário da Ilha de Santa Catarina, estabelecendo o microzoneamento da área da comunidade como Área Residencial Predominante (ARP) e Área de Preservação Cultural (APC) como sítio de interesse histórico, circundada por uma faixa de Área de Preservação com Uso Limitado (APL), dentro da

Área de Preservação Permanente (APP), compreendendo a extensão total do território tombado (CARRERO, 2004).

Lago (1996, p. 46) cita a Costa da Lagoa em seu livro sobre o processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina, afirmando que “a Lagoa é uma localidade antiga, antes dedicada à pesca e à lavoura, apresentando ainda recantos e comunidades preservados, como a Costa da Lagoa, de difícil acesso por terra”. Por sua formação histórica e geográfica, o povoamento da Costa da Lagoa apresenta um patrimônio cultural com mais de 200 anos, com engenhos, casarões, utensílios agrícolas e de pesca, além de aspectos culturais como os hábitos, costumes e linguagem (SIERRA DE LEDO & SORIANO-SIERRA, 1999). Está em fase de elaboração o fascículo do projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil sobre a comunidade da Costa da Lagoa, que se identifica como comunidade tradicional pelo seu modo de vida.

Formada por descendentes de açorianos, portugueses, espanhóis africanos, a população está distribuída em seis pequenos núcleos: Vila Verde, Praia Seca, Vila, Costa de Cima, Saquinho e Baixada (BITTENCOURT, 2005) (Figura 1). A Vila é o núcleo onde se encontra a maior concentração de casas, o centro de saúde, a escola, a creche, uma igreja católica e um salão paroquial, bem como a maior parte dos restaurantes da Costa.

Como descrito por Gimeno (1992) em sua dissertação sobre a modernização da Costa da Lagoa, a comunidade sofreu – e ainda sofre – um processo histórico de grandes transformações sócio-econômicas e políticas, em que as antigas atividades agrícolas e pesqueiras deram lugar ao turismo. A maior parte da comunidade não tem como atividade econômica principal práticas de relação direta com os recursos naturais, como a agricultura e a pesca, mas sim a atividade turística, maior fonte de renda atual da comunidade. A atividade turística é baseada principalmente no transporte lacustre e nos restaurantes. Muitas pessoas também trabalham fora da comunidade. Há duas cooperativas de barcos que fazem o transporte dos moradores e turistas, a Cooperbarco e a Coopercosta.



**Figura 1 – Área de estudo: no detalhe, a elipse indica a região do Canto dos Araçás e Costa da Lagoa.
(Criação: Breithner Monteiro)**

III.2. Coleta de dados

A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas, observação direta, turnês guiadas e coleta de material botânico.

O projeto do presente trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, aprovado com o parecer consubstanciado de número 651/10. Todos os informantes foram esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa e consultados sobre a disponibilidade de participar dela, cientes de que poderiam desistir a qualquer momento, sem prejuízo algum para si. Apenas as pessoas que concordaram entraram no universo dos entrevistados, após assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apenas os alfabetizados) (Apêndice 1). As pessoas não alfabetizadas foram igualmente esclarecidas sobre o trabalho e consultadas quanto à disponibilidade de participar.

Segundo Albuquerque *et al.* (2008a), quando há muitos elementos do universo selecionado (por exemplo, pessoas que podem ser entrevistadas) – como é o caso da Costa da Lagoa e Canto dos Araçás – faz-se necessário usar técnicas de amostragem. Uma técnica de amostragem e seleção de informantes, cada vez mais utilizada, é a chamada “bola de neve” (“snow ball”) (BAILEY, 1994 *apud* ALBUQUERQUE *et al.*, 2008a). É usada para uma seleção intencional dos informantes, em que os especialistas vão sendo indicados ao longo do trabalho.

Profissionais do Centro de Saúde da comunidade foram consultados sobre as pessoas da comunidade que fazem uso de plantas para suas práticas medicinais, auxiliando na identificação dos informantes-chave atuais. A “bola de neve” foi iniciada, então, a partir de dois pontos: dos informantes das mesmas famílias de entrevistados por Schardong e por profissionais do Centro de Saúde da comunidade.

As pessoas entrevistadas durante o período de campo foram algumas daquelas entrevistadas por Roberta Schardong em seu trabalho (13 das 26) com exceção das que faleceram ou saíram da comunidade, além de um descendente de cada com pelo menos 18 anos de idade e outros informantes-chave atuais, indicados ao longo da pesquisa. Os primeiros contatos com as comunidades iniciaram-se em dezembro de 2009 e as entrevistas e coletas botânicas foram realizadas até junho de 2010. Algumas pessoas entrevistadas no passado já faleceram, outras saíram da comunidade para viverem em outros locais. Houve uma pessoa da lista de entrevistados por Schardong (1996) que não foi encontrada e de quem não se obteve notícia neste estudo.

A listagem livre foi desenvolvida com o objetivo de registrar os nomes populares das plantas medicinais conhecidas pelos informantes, e direcionar às posteriores entrevistas, a fim de obter informações específicas sobre as plantas mencionadas, como indicações terapêuticas, partes da planta utilizadas, formas de preparo, modos de administração, armazenamento, modos de obtenção e via de transmissão do conhecimento (ALEXIADES, 1996).

As entrevistas tiveram questões abertas e fechadas, feitas com base no formulário utilizado por Schardong (1996), um para cada planta, para possibilitar uma comparação confiável entre os dois momentos. Novas questões foram incluídas para enriquecer a investigação sobre a dinâmica do conhecimento acerca das plantas medicinais e do uso feito pelos informantes (Apêndice 3), além da obtenção de dados sócio-econômicos (Apêndice 2). Um estudo piloto ou pré-teste foi aplicado primeiramente com um pequeno grupo de pessoas, para garantir a qualidade, clareza, validade e confiabilidade do instrumento (COMBESSIE, 2004 *apud* ALBUQUERQUE *et al.*, 2008b).

Segundo Albuquerque *et al.* (2008b), a realização da turnê guiada consiste em fundamentar e validar os nomes das plantas citadas nas entrevistas, pois o nome popular de uma espécie pode variar bastante entre regiões e até mesmo entre indivíduos da mesma comunidade. Além disso, a turnê guiada pode complementar informações já levantadas e suscitar novas informações, que não surgirem durante as entrevistas. Algumas plantas não

foram coletadas, porque não são plantadas nos quintais nem estão presentes próximo às residências. Algumas citações referiram-se a plantas compradas em mercados e/ou feiras.

Realizou-se também a observação direta, uma variação da observação participante, metodologia originada da Antropologia, uma vez que “a pura e simples aplicação de formulários ou questionários é um fator limitante à pesquisa” (ALBUQUERQUE, 2005, p. 34). Metodologicamente, consiste da observação e registro livre dos fenômenos observados em campo. Para tal, foi utilizado um diário de campo, onde foram registrados acontecimentos, dizeres, observações e percepções. A escolha pela observação direta ao invés da participante deveu-se à limitação de tempo para desenvolver o trabalho.

O material botânico foi coletado em momento posterior à entrevista, durante a turnê guiada, quando possível no mesmo dia, senão em retorno em outro dia. As coletas botânicas não puderam ser realizadas com todos os participantes, tendo em vista a fragilidade de saúde de alguns e ao fato de que algumas pessoas não cultivam plantas ou as obtêm apenas através da compra no comércio.

O material coletado foi herborizado conforme metodologia convencional (MING, 1996). O que não foi possível introduzir no herbário FLOR do Departamento de Botânica será incluído na coleção de referência do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica.

III.3. Análise dos dados

Os espécimes coletados foram identificados no laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica (Departamento de Ecologia e Zoologia) com Cesar Paulo Simionato, coordenador do Horto Didático de Plantas Medicinais do Hospital Universitário (Centro de Ciências da Saúde/UFSC); e no de Sistemática Vegetal (Departamento de Botânica/Centro de Ciências Biológicas/UFSC) pelo professor Daniel Falkenberg, ambos da Universidade Federal de Santa Catarina. A grafia dos nomes e autores foi conferida acessando-se as bases de dados The International Plant Names Index, organizada pelas instituições The Royal Botanic Gardens (Kew), The Harvard University Herbaria e Australian National Herbarium (IPNI, 2010) e Tropicos, organizada pelo Missouri Botanical Garden (TROPICOS, 2010).

Os dados foram organizados e sistematizados utilizando-se o programa Excel for Windows 2007.

Para análise dos dados sócio-econômicos foi utilizada estatística descritiva. Os dados obtidos a partir das entrevistas e identificação das espécies vegetais utilizadas pela população

serão comparados com aqueles levantados por Roberta Moriconi Freire Schardong em seu Trabalho de Conclusão de Curso em 1995/1996. A comparação pretende observar se todas as espécies citadas anteriormente serão citadas atualmente, se há citação de outras espécies/famílias, se o uso feito das plantas se dá da mesma forma (indicação, parte da planta utilizada, modo de preparo) e se a sinonímia popular se mantém. Além disso, será feita a comparação de tais dados com outros trabalhos realizados em diferentes locais, a partir de pesquisa bibliográfica.

Para comparar quantitativamente a lista de espécies levantadas por Schardong (1996) com as listas levantadas no presente trabalho, foi calculado o coeficiente de similaridade de Jaccard (S_j), no intuito de verificar a similaridade da lista de espécies levantada no trabalho de Schardong e as levantadas neste trabalho, entre os diferentes grupos de participantes. O índice de Jaccard é expresso pela seguinte equação (LEGENDRE & LEGENDRE, 1998):

$$S_j = a/a+b+c$$

onde: S_j = coeficiente de Jaccard

a = número de espécies comum a ambas

b = número de espécies da lista 1

c = número de espécies da lista 2

Uma abordagem equilibrada deve reconhecer a legitimidade das duas vias (a da pesquisa quantitativa e a da pesquisa qualitativa) e buscar, se e quando necessário, a sua integração, uma dando respostas às perguntas que a outra, pelas suas próprias limitações, não consegue dar (MARQUES, 2002). Buscou-se então complementar as análises quantitativas com discussões de cunho mais qualitativo, baseadas nas observações feitas durante o trabalho de campo e registradas no caderno de campo. Dessa forma, a percepção de alguns aspectos invisíveis nos números, bem como algumas falas dos participantes da pesquisa, foi inserida nos resultados e discussão do trabalho.

É importante destacar que não está entre os objetivos deste trabalho analisar a eficácia terapêutica das plantas e nem classificar as doenças citadas de acordo com a medicina ocidental moderna.

IV. RESULTADOS E DISCUSSÃO

IV.1. Informantes da pesquisa

Participaram diretamente desta pesquisa 30 pessoas, sendo que com uma delas a conversa foi somente registrada no caderno de campo, sem seguir o protocolo formal das entrevistas, por se tratar de uma senhora idosa com a saúde frágil que se sentia cansada rapidamente. Portanto, a conversa com ela foi registrada à parte das outras entrevistas (Apêndice 4). Dentre essas pessoas, estão os entrevistados em momento passado (n=13), descendentes destes com no mínimo 18 anos de idade (n=12) e informantes-chave atuais (n=4), reconhecidos por outras pessoas da comunidade como detentores de conhecimentos e práticas relacionadas às plantas medicinais. Por se tratar de uma amostragem intencional com os critérios citados anteriormente, o número de pessoas em cada grupo é variável, não tendo sido padronizado.

A faixa etária dos entrevistados variou dos 21 aos 82 anos, sendo 24 mulheres e sete homens. Dentre as pessoas, cinco, todas mulheres, não nasceram na Costa da Lagoa ou no Canto dos Araçás. Quatro mudaram-se para estas comunidades após casarem. Três delas vieram de Ratonas, bairro ligado à Costa da Lagoa por uma trilha, antigamente muito utilizada pelos moradores de ambas as comunidades e por caçadores. Uma pessoa veio de Imaruim, em Laguna, município de Santa Catarina. A quinta pessoa nasceu no bairro Saco dos Limões e chegou à comunidade lotada como professora da rede municipal de ensino.

As atividades profissionais realizadas pelos participantes são: trabalho em restaurante, na escola, no Centro de Saúde, na cooperativa de barqueiros, fazendo salgadinhos por encomenda, em propriedade particular, em estacionamento da família, em casas de família, na Polícia Ambiental, na Polícia Militar, pessoas aposentadas e as que exercem seu trabalho em atividades domésticas.

IV.2. Plantas “da Costa” e “do Araçá” e seus usos

Na listagem livre de plantas medicinais foram citadas 98 plantas, distribuídas em 37 famílias botânicas (Tabela 1). Dentre essas citações estão plantas cultivadas, extraídas e compradas.

Dentre todas as citações, há plantas que não puderam ser identificadas por algum motivo, como a ausência das mesmas nos quintais ou proximidades das casas dos

participantes, pelo fato de serem adquiridas apenas através da compra ou pelas dificuldades de identificação apenas com partes vegetativas, uma vez que as coletas nem sempre puderam ser feitas na época de floração das plantas. Por este mesmo motivo, algumas plantas foram identificadas apenas até o nível de gênero.

As plantas levantadas por Schardong (1996), as levantadas ao longo desta pesquisa, os usos populares feito nas comunidades estudadas em momento passado e atual, bem como as partes das plantas utilizadas, com o respectivo número de citações estão na tabela 1, organizadas por famílias, seguidas do nome do autor e de acordo com o sistema APG-2 (do inglês *Angiosperm Phylogeny Group*).

Tabela 2: Plantas do levantamento de Schardong (1996) e do levantamento atual, com os nomes científicos, famílias botânicas, nomes populares (atuais e passados), indicações citadas (atuais e passados), partes das plantas utilizadas (atuais e passadas) e número de citações do levantamento atual (N cit.).

Nome científico		Família	Grupos			Nome popular		Usos citados		Parte utilizada		N. Cit.
Atual	Passado		R	D	Ic	Atual	Passado	Atual	Passado	Atual	Passado	
<i>Achillea millefolium</i> L.	<i>Achillea millefolium</i> L.	ASTERACEAE	X	X		mil-folhas	novalgina	febre, dor, antiinflamatório, resfriado	internamente, para dor de cabeça	folha, caule	folha	2
<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	ASTERACEAE	X	X	X	marcela**	marcela	enjôo, vômito, dor na barriga, calmante, ataque de bicha	internamente, em congestões para provocar o vômito e para cólicas	flor	folha	3
<i>Adiantum</i> sp.	-	PTERIDACEAE		X		avenca	-	tosse	-	raiz	-	1
-	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	ASTERACEAE				-	mamplasto	-	internamente, para cissão (quando dá febre da malária); externamente, em cólicas	-	toda planta	

								abdominais				
<i>Allium cepa</i> L.	-	ALLIACEAE		X		cebola**	-	gases, congestão	-	casca	-	1
<i>Allium sativum</i> L.	-	ALLIACEAE		X		alho**	-	gripe, pressão alta, colesterol desregulado, antibiótico natural (bronquite, artrite, fibromialgia), picada de marimbondo, abelha	-	dente	-	4
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f. e <i>Aloe arborescens</i> Mill.	-	ASPHODELACEAE	X	X	X	babosa	-	cicatrizante, bom para câncer de pele, queimaduras, cortes, machucados, ferimentos, alergias, assadura genital, na região dos	-	folha (parte interna, “babinha”)	-	5

								olhos, foliculite, acne, espinha, pele seca, queda de cabelo				
<i>Aloysia triphylla</i> (L'Hérit.) Britt	<i>Aloysia triphylla</i> (L'Hérit.) Britt	VERBENACEAE	X		X	cidrão	cidrão	dor no estômago, calmante, diurético, tosse, gripe	internamente em distúrbios estomacais	folha	folha	5
<i>Alternanthera</i> sp.	<i>Alternanthera brasiliensis</i> (L.) Kuntze	AMARANTHACEAE	X	X	X	penicilina	penicilina	antiinflamatório , infecção urinária, infecção nos dentes, na boca, antibiótico, sarna de cachorro ou de gente, lavar ferimentos, bicho-de-pé, bicho- geográfico, mordida de mosquito, frieira	internamente , para osso quebrado, como antiinflamatório, antibiótico e para inflamação na garganta	folha	folha	8

<i>Alternanthera ficoidea</i> (L.) P. Beauv.	<i>Alternanthera ficoidea</i> (L.) R.Br. ¹	AMARANTHACEAE			X	dipirona	camomila	dor de cabeça, dor muscular	internamente como analgésico em cólicas abdominais e dores de dente	folha	folha	1
<i>Artemisia absinthium</i> L.	<i>Artemisia absinthium</i> L.	ASTERACEAE	X			losna	losna	dor de barriga	internamente , para dor de barriga e dor de estômago	folha	folha	1
-	<i>Artemisia alba</i> Turra	ASTERACEAE				-	alcânfora	-	externamente para picadas de inseto e contusões	-	folha	
-	<i>Asclepias curassavica</i> L.	ASCLEPIADACEAE				-	paina-de-sapo	-	internamente , para tosse	-	caule, folha	
<i>Bauhinia</i> sp. (Cercideae)	-	FABACEAE		X	X	pata-de-vaca (árvore)	-	inflamação na bexiga, útero, rins, infecção	-	folha	-	*

¹ No trabalho de Schardong há a seguinte observação, relativa a esta espécie: “a entrevistada não tinha certeza do nome desta planta, ficando em dúvida entre camomila e anador.”

								urinária, antiinflamatório				
<i>Bauhinia microstachya</i> (Raddi) J.F. Macbr.	-	FABACEAE				pata-de-vaca ("baraço"), não tem espinho	-	, diurético, cistite	-	folha	-	*
<i>Baccharis</i> sp.	-	ASTERACEAE	X	X	X	carqueja	-	quando se come e/ou bebe muito, cisão (malária), para menstruação descer, para emagrecer, é diurético	-	folha, "sachê"	-	3
<i>Bidens pilosa</i> L.	<i>Bidens pilosa</i> L.	ASTERACEAE	X	X		picão, picão- preto	picão-preto	rins, infecção no útero, amigdalite, cistite	internamente , para hepatite, infecção de mulher, ferida de corte, cicatrização de operações; externamente , para lavar	folha, caule	folha, flor, fruto (aquêni o)	2

									feridas			
-	<i>Bouchea agrestis</i> Schaur. Et Mart.	VERBENACEAE				-	chá-do-reino	-	internamente em distúrbios estomacais	-	folha	
<i>Bryophyllum</i> sp.	não identificada	CRASSULACEAE	X			folha-da-fortuna	fortuna	externamente, para impinge, furúnculo	externamente, para furúnculo	folha	folha	1
-	<i>Buddleia brasiliensis</i> Jacq. Ex Spreng.	LOGANIACEAE				-	verbasco	-	internamente, para malária	-	folha	
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsq.	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsq.	FABACEAE (Faboideae)	X	X		feijão-andu, feijão-guandu, feijão-andum	feijão-andu	fogagem, coceira, alergia, catapora	internamente, para vermelhidão e alergia; externamente, para coceira no corpo, catapora e sarampo (levantação de sangue)	folha, caule	folha	5

<i>Calea</i> sp.	-	ASTERACEAE		X		olina	-	quando se está passando mal estômago	-	folha	-	1
<i>Camellia sinensis</i> (L.) Kuntze	-	THEACEAE	X	X		chá-verde, chá-preto**	-	dor de barriga, diarréia, antioxidante, emagrece, calmante	-	sachê	-	3
<i>Carica papaya</i> L.	<i>Carica papaya</i> L.	CARICACEAE	X			mamão-macho	mamão-macho	gripe, tosse, tosse comprida	internamente , para bronquite	flor	flor	2
<i>Casearia</i> sp.	-	SALICACEAE	X	X		guaçatonga	-	antiinflamatório , cicatrizante, dor de estômago, enjôo, todo o aparelho digestivo, candidíase, cistite, diurético, emagrece	-	folha	-	2
<i>Chamomilla recutita</i> (L.)	<i>Camomila recutita</i> L.	ASTERACEAE	X	X	X	camomila, maçanilha**	maçanilha	dor de barriga, friagem, cólicas,	internamente , para dor de	folha, flor, caule,	partes aéreas	14

Rauschert								resfriado, problemas de útero (“remédio de senhora”), calmante, bom para mulher quando ganha bebê, antisséptico, olheiras, foliculite, machucados, orelha inflamada, sinusite	barriga, para a menstruação descer, cólica menstrual, muita menstruação, senhora que ganha nenê (com cachaça e noz moscada), para tosse com ovo batido	“sachê”		
-	<i>Chelidonium majus</i> L.	PAPAVERACEAE				-	iodo	-	externamente, para feridas	-	sumo da raiz	
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	AMARANTHACEAE (ex-Chenopodiaceae)	X		X	erva-de-santa-maria	erva-de-santa-maria	queda, machucados, batida com fratura de osso, antibiótico maravilhoso, ataque de bicha	internamente, para vermes de criança; externamente, para piolho, sendo utilizado com boldo (<i>Coleu barbatus</i>)	folha	folha	2

									(Andr.) Benth.), fumo de corda e sabão de glicerina ou não			
<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E. Jarvis	-	VITACEAE	X			insulina (em folha)	-	diabetes	-	folha	-	1
<i>Citrus</i> sp. 1	<i>Citrus</i> sp.	RUTACEAE	X	X	X	laranja, laranja-bruta	laranjeira	calmante, gripe, dor de cabeça, cólica, bom tomar o chá com remédio antigripal	internamente , para dor de barriga e calmante	folha	folha	8
<i>Citrus</i> sp. 2	<i>Citrus</i> sp.	RUTACEAE				limão	limão	usado somente associado com outros chás, geralmente para gripe	internamente para tosse	folha	folha	3
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	-	RUTACEAE		X	X	bergamota, vergamota, vergamote	-	gripe, cistite, friagem, calmante, cólica	-	folha	-	3

								de bebê				
<i>Cnicus benedictus</i> L.	-	ASTERACEAE	X		X	caldo-santo, cardo-santo	-	dor de estômago, cistite	-	folha	-	2
-	<i>Cordia curassavica</i> (Jacq.) Roem. & Schult	BORAGINACEAE				-	erva-baleeira	-	internamente , para infecção no intestino, em diarreias e malária; para desarranjos com folhas de goiabeira (<i>Psidium guajava</i> L.), pitangueira (<i>Eugenia uniflora</i> L.) e flor de bananeira (<i>Musa paradisiaca</i> L.)	-	folha	

<i>Cordia monosperma</i> ² (Jacq.) Roem. & Schult.	<i>Cordia monosperma</i> (Jacq.) R. & S.	BORAGINACEAE		X		trinca-trinca	trinca-trinca	diarreia	internamente , para inflamação por dentro da mulher, na garganta; externamente , para lavagem de ferimentos, friccionar para problemas nos rins e na bexiga	folha	folha	1
<i>Coronopus</i> sp.	<i>Coronopus didymus</i> Sm.	BRASSICACEAE	X	X	X	mastruncho, menstruncho, mastruncho-rasteiro, menstruncho-rasteirinho	menstruz-rateiro	inflamação, fratura, batida, machucado, osso quebrado, coluna	internamente , para infecção urinária, estômago e osso	folha, semente	folha	9

² Segundo Lorenzi & Matos (2008), a maior parte das espécies arbustivas tradicionalmente reconhecidas no gênero *Cordia* foram recentemente consideradas como *Varronia*, permanecendo em *Cordia* as espécies arbóreas. Levando isso em consideração, a espécie *Cordia monosperma* pode ser encontrada também como *Varronia monosperma*.

									quebrado			
<i>Cotula australis</i> (Sieb.) Hook	<i>Cotula australis</i> (Sieb.) Hook	ASTERACEAE			X	marcela-galega	marcela-galega	malária, quando fica barrigudo/pançudo, quando a pessoa fica amarela, vermes	internamente, para vermes de criança	folha	folha, flor	1
<i>Cucurbita pepo</i> L.	<i>Cucurbita pepo</i> (L.) Duchesne	CUCURBITACEAE			X	abóbora**	abóbora	vermes	externamente para dores no ouvido	semente	flor (masculina ou feminina)	1
<i>Cunila</i> sp.	<i>Cunila microcephala</i> Benth	LAMIACEAE	X	X	X	poejo	poejo	tosse, gripe, resfriado	internamente, em gripes e resfriados	folha, caule	partes aéreas	10
<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F. Macbr.	<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) Macbride	LYTHRACEAE	X	X	X	sete-sangria(s)	sete-sangria	afinar o sangue, problema de coração, emagrecer, circulação, depurativo do sangue	internamente, para afinar o sangue e para pressão	folha	partes aéreas	3

<i>Cymbopogon</i> sp.	-	POACEAE				citronela	-	repelente para mosquitos	-	folha	-	1
<i>Cymbopogon</i> <i>citratus</i> (DC.) Stapf	<i>Cymbopogon</i> <i>citratus</i> (De Candolle) Stapf	POACEAE	X	X	X	capim-limão, cana-limão	capim- limão	calmante, hemorroidas, gripe, digestivo, uso em conjunto com outros chás ou sucos pelo sabor	internamente , como calmante, para pressão alta, descongestio nante, para hemorroidas	folha	folha	10
<i>Cynara</i> <i>scolymus</i> L.	-	ASTERACEAE		X	X	alcachofra	-	regular o colesterol, colesterol alto	-	folha	-	2
<i>Dichorisandra</i> <i>thyrsoflora</i> J.C. Mikan	<i>Dichorisandra</i> <i>thyrsoflora</i> Mik.	COMMELINACEAE	X		X	cana-do-brejo	cana-do- brejo	rins, bexiga	internamente , para problemas de bexiga e próstata; para urinar, usar só ou com abacateiro (<i>Persea</i> <i>americana</i> Mill.) e cabelo de milho	não responderam	folha	2

									(estigmas da <i>Zea mays</i> L.)			
<i>Echinodorus</i> sp.	-	ALISMATACEAE	X			chapéu-de-couro	-	“bom pra tudo”	-	folha	-	1
<i>Eucalyptus</i> sp.	-	MYRTACEAE	X	X	X	eucalipto	-	descongestionante, resfriado, gripe, sinusite, tosse	-	folha	-	4
-	<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl.	ROSACEAE				-	ameixa	-	internamente para diminuir o colesterol	-	folha	
<i>Eugenia uniflora</i> L.	<i>Eugenia uniflora</i> L.	MYRTACEAE	X	X		pitanga, pitangueira	pitangueira	diarreia	internamente , para diarreia	folha	folha	4
<i>Eupatorium</i> sp.	-	ASTERACEAE	X	X		erva-de-bicha	-	vermes, (asma, falta de ar)	-	raiz	-	2
<i>Euphorbia prostrata</i> Aiton	<i>Euphorbia prostrata</i> Aiton ³	EUPHORBIACEAE	X		X	quebra-pedra-rasteiro ou quebra-pedra-	quebra-pedra-rasteira	infecção urinária e de garganta	internamente , para pedra nos rins,	folha	partes aéreas	2

³ No trabalho de Schar dong há a seguinte observação, relativa a esta espécie: “alguns dos entrevistados disseram que esta espécie tem a mesma aplicação do quebra-pedra do gênero *Phyllanthus* sp., mas é bem mais eficaz que ele”, tendo si observado o mesmo durante este trabalho.

						brabo		("verdadeiro, melhor")	provocar a urina e boa para bexiga			
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	<i>Foeniculum vulgare</i> Miller	APIACEAE	X	X	X	funcho, anis	funcho	dor de barriga de criança, cólicas (de bebê, intestinal), gases, prisão de ventre, bom para mãe lactante (estimula produção de leite), dor na coluna, cistite	internamente , para prisão de ventre, cólica de nenê (dá o chá para a mãe), para o estômago, coluna e reumatismo; externamente , para cólica de nenê (compressa), dor no estômago (compressa)	folha, semente, raiz	folha	11
<i>Impatiens walleriana</i> Hook. f.	-	BALSAMINACEAE		X		maria-sem-vergonha	-	afta	-	folha	-	1
<i>Jatropha</i> sp.	-	EUPHORBIACEAE		X		mertiolate	-	cortes,	-	folha	-	1

								ferimentos				
<i>Lactuca sativa</i> L.	-	ASTERACEAE			X	alface**	-	colesterol alto	-	folha	-	1
<i>Laurus nobilis</i> L.	<i>Laurus</i> cf. <i>nobilis</i> L.	LAURACEAE	X	X	X	louro	louro	dor de estômago, labirintite, tontura, cistite	internamente para dor no estômago	folha	folha	9
<i>Lavandula</i> sp.	<i>Lavandula</i> sp.	LAMIACEAE	X		X	alfazema	alfazema	tosse, resfriado, cólica de bebê, cistite, friagem, calmante, bom pra mulher grávida pra descer o que tá travado (após o parto), para útero voltar ao lugar após o parto	internamente para dor na bexiga	folha, caule	folha	6
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	-	LAMIACEAE	X		X	cordão-de- são-francisco	-	criança que urina de noite na cama, calmante	-	fruto, semente	-	2

-	<i>Leonurus sibiricus</i> L.	LAMIACEAE				-	agoniada	-	internamente para os rins e para emagrecer	-	folha	
<i>Lepidium</i> sp.	<i>Lepidium virginicum</i> L.	BRASSICACEAE			X	menstruncho-vassourinha	menstruz	osso quebrado, machucado, dor no estômago de gastrite	internamente e externamente , em casos de contusões e hematomas	folha, semente	folha	1
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	VERBENACEAE	X	X	X	melissa	melissa	calmante, bom para dormir, combate insônia, baixa pressão, descongestionante nasal, dor de cabeça	internamente , como calmante para os nervos, coração; utilizada na confecção de um xarope contra tosse; também associada com cidrão (<i>Aloysia thriphylla</i> (L. Hérit.) Britt.)	folha	partes aéreas	15

									para os nervos			
-	<i>Ludwigia octovalvis</i> (Jacquin) Raven	ONAGRACEAE				-	sara-cura	-	internamente , para gastrite, dores musculares e de coluna	-	folha	
<i>Malva parviflora</i> L.	<i>Malva parviflora</i> L.	MALVACEAE	X	X	X	malva, malva-dos-dentes, malva-de-ferida	malva	antibiótica, antiinflamatória , cicatrizante, dor de dente, extração de dentes, inflamação na garganta, na gengiva, nas cutículas, ferimentos, corrimento vaginal, cistite, infecção no útero, combate o mau-hálito, gastrite,	internamente , para infecção da garganta e dor de dentes; como antibiótico, para feridas no útero, infecção no ovário e cólica	folha	folha	17

								emagrece				
<i>Maytenus aquifolium</i> Mart.	-	CELASTRACEAE				espinheira-santa	-	dor de estômago, gastrite (antiinflamatório), azia, rins, bexiga (xixi trancado), afina o sangue, problema de coração, enjôo	-	folha	-	*
-	<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart.	CELASTRACEAE				-	espinheira-santa	-	internamente , para dor no estômago, para o sangue; externamente para dor nos rins (fricção)	-	folha	
<i>Melissa officinalis</i> L.	<i>Melissa officinalis</i> L.	LAMIACEAE	X	X	X	erva-cidreira	erva-cidreira	calmante, insônia, dor de cabeça, dor no estômago, ânsia de vômito, enjôo,	internamente , para pressão alta, como calmanta, para dor e doença de	folha	folha	14

							labirintite, pressão alta, tontura	senhora (problemas nos órgãos do aparelho reprodutor feminino de mulheres com vida sexual ativa)				
<i>Mentha</i> spp.	-	LAMIACEAE	X	X		hortelã, artelão	-	vermes, dor de barriga, ataque de bicha, estômago, dor, cólica, enjôo, deixa animado, com energia, bronquite, tosse, resfriado, para misturar com outros chás e sucos, pelo sabor agradável	-	folha	-	14
<i>Mentha</i> sp. 1	-	LAMIACEAE	X		X	hortelã- branco(a), artelão	-	ataque de bicha, canseira, vermes, cólica,	-	folha	-	5

<i>Mentha</i> sp. 2	-	LAMIACEAE	X		X	hortelã-roxo(a), hortelã-preto(a), hortelã-vermelho(a), artelão	-	dor de barriga, calmante	-	folha	-	4
-	<i>Mentha rotundifolia</i> (L.) Hudson	LAMIACEAE				-	hortelã-branca	-	internamente , para vermes (dor de barriga em crianças), para cólica, para os nervos, em gripes com comprimidos, para alergias, para hemorroidas com cana-limão (<i>Cymbopogon citratus</i> De Candolle) Stapf.)	-	partes aéreas	

-	<i>Mentha X piperita</i> L.	LAMIACEAE				-	hortelã-preta	-	internamente , para criança quando está com tosse de vermes	-	partes aéreas	
<i>Mikania</i> sp.	<i>Mikania laevigata</i> Schultz ex Baker	ASTERACEAE	X	X	X	guaco	guaco	tosse, resfriado, gripe, descongestionante, expectorante, antibiótico	internamente , para tosse e catarro no peito; para inflamação	folha	folha	12
<i>Mimosa pudica</i> L.	-	FABACEAE (Mimosoideae)		X		dorme-jão, dorme-dorme	-	garganta	-	folha	-	1
<i>Musa paradisiaca</i> L.	<i>Musa paradisiaca</i> L.	MUSACEAE		X		bananeira	bananeira	diarreia	internamente para diarreia	“olhinho” da folha	flores	2
-	<i>Ocimum basilicum</i> L.	LAMIACEAE				-	alfavaca	-	internamente , para dor no estômago, rouquidão e como tempero; externamente	-	ramo	

									, para frieira (lavagem)			
<i>Ocimum selloi</i> Benth.	<i>Ocimum selloi</i> Benth.	LAMIACEAE	X	X	X	erva-doce (de folha, "planta")	elixir-paregórico	cólicas (menstrual, de bebê, intestinal), dor de barriga, calmante, vômito, febre, arca caída, friagem, dores em geral	internamente , para dores na barriga	folha	folha	8
<i>Passiflora</i> sp.	<i>Passiflora edulis</i> Sims	PASSIFLORACEAE	X	X	X	maracujá	maracujá	calmante, pressão alta, alcoolismo	internamente , como calmante e para pressão	folha, fruto	folha e frutos	4
<i>Persea americana</i> Mill.	<i>Persea americana</i> Mill.	LAURACEAE			X	abacate	abacateiro	infecção urinária	para hemorroidas; para urinar, usar só ou com cana-do-brejo (<i>Dichorisandra thyrsiflora</i> Mik.) e cabelo	folha	folha	1

									de milho (estigmas da <i>Zea mays</i> L.)			
<i>Petiveria alliacea</i> L.	<i>Petiveria alliacea</i> L.	PHYTOLACCACEA E			X	guiné	erva-guiné	mau-olhado, quebrante, inveja, para descarregar o corpo (agitação, mau-humor)	internamente , para dor no estômago; plantar para proteger contamau- olhado	folha, planta inteira	folha	2
<i>Phyllanthus</i> sp.	<i>Phyllanthu s tenellus</i> Roxburg	PHYLLANTHACEA E	X	X	X	quebra-pedra		diurético, pedra nos rins, infecção urinária e de garganta	internamente , para os rins	folha, caule	toda planta	8
<i>Pimpinella anisum</i> L.	-	APIACEAE	X	X		erva-doce (de semente, “baguinho”)**	-	dor no estômago, gases (de criança inclusive), enjôo, friagem	-	semente	-	6
-	<i>Pistia stratiotes</i> L.	ARACEAE				-	erva-de- santa-luzia	-	externamente para irritação nos olhos	-	folha	

<i>Plantago</i> sp.	<i>Plantago australis</i> Lam.	PLANTAGINACEAE	X	X	X	tachá, tanchá, tansagem, trachá	tachá	antibiótico, antiinflamatório , infecção urinária e de garganta, gengiva, dor de reumatismo, machucados, feridas, cistite	internamente e externamente , para cistite; utilizada também em associação com <i>Verbascum virgatum</i> (labaça) em inflamações da garganta	folha	folha	11
	<i>Plantago major</i> L.								internamente , para inflamação dentro da mulher, na garganta; externamente , para lavagem de ferimentos, friccionar para problemas			

									nos rins e bexiga			
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	<i>Coleus barbatus</i> (Andr.) Benth.	LAMIACEAE				boldo	boldo	dor ou agonia no estômago (quando se come demais ou algo que fez mal), bom pra bebedeira, enjôo (de ônibus, de comida), bom para o fígado, para emagrecer	internamente , para dor no estômago e para o fígado; externamente , com sabão de glicerina ou de coco para matar piolho com erva-de-santa-maria (<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.) e fumo de corda	folha	folha	*
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd	-	LAMIACEAE				boldinho, boldo-chileno, boldo-do-chile	-	fígado, estômago, mal-estar	-	folha	-	*
<i>Psidium cattleianum</i>	<i>Psidium cattleianum</i>	MYRTACEAE		X		araçá,	araçá	diarreia	internamente	folha, casca		1

Sabine	m Sabine					araçazeiro			, para diarreia	do caule, raiz		
<i>Psidium guajava</i> L.	<i>Psidium guajava</i> L.	MYRTACEAE	X	X		goiaba, goiabeira	goiabeira	diarreia	internamente, para diarreia		brotos e folhas pequenas	8
<i>Polygala paniculata</i> L.	<i>Polygala paniculata</i> L.	POLYGALACEAE	X	X	X	gelol, anador	anador	dor de cabeça, dor muscular, febre, machucado	externamente para dor	folha, flor, fruto	toda planta	4
<i>Punica granatum</i> L.	-	LYTHRACEAE	X			romã, romana	-	congestão, quando se come algo que não faz bem, agoniado para vomitar	-	casca do fruto	-	1
<i>Rivina humilis</i> L.	-	PHYTOLACCACEAE		X		mercúrio em erva	-	machucado	-	fruto	-	1
<i>Rosa</i> sp.	-	ROSACEAE			X	rosa-branca**	-	para descarregar	-	flor	-	1
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	LAMIACEAE	X	X	X	alecrim	alecrim	como tempero, chá bom pra tudo, coração, calmante, mau-olhado, tontura,	internamente, para acalmar os nervos e para o coração;	folha	folha	10

								dor em geral, cólica menstrual	externamente , no álcool para reumatismo e dor; cruzar com arruda embaixo do travesseiro para sono cruzado de criança			
<i>Rubus</i> sp.	-	ROSACEAE			X	amora- branca**	-	colesterol alto	-	folha	-	1
<i>Ruta graveolens</i> L.	<i>Ruta graveolens</i> L.	RUTACEAE	X	X	X	arruda, arrudo	arruda	mau-olhado, inveja, para dar sorte, inflamação nos olhos, tersol, vermes, pioho, gases, pra tirar a barriga de grávida depois de ganhar neném, chá é abortivo	internamente , para tirar a placenta após o parto com purgante ou não; para doença de pele; externamente , para a vista; para tirar o sono cruzado de criança	folha, caule, planta inteira	partes aéreas	6

									colocando debaixo do travesseiro cruzado com alecrim; plantar a erva para afastar o mau-olhado			
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	<i>Sambucus australis</i> Chamisso et Schlechten dal	ADOXACEAE (ex- Caprifoliaceae)	X	X	X	sabugueiro	sabugueiro	gripe, tosse (de gripe), catarro, alergia, alevantção de sangue, sarampo, febre de criança, sapinho na boca (para crianças), obesidade (é diurético, laxante), anemia	internamente , para caxumba, gripes, resfriados e tosse.	folha	folha, flor	5
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Swartz	CUCURBITACEAE	X		X	chuchu	chuchu	para regular pressão, pressão alta	internamente , para pressão alta	folha	folha	3

-	<i>Senna aff. capsularis</i>	FABACEAE				-	quebrante	-	interna e externamente , usada para defender contra mau-olhado	-	folha	
-	<i>Senna cf. neglecta</i> (Vog.) Irwin & Barneby	FABACEAE				-	fedegoso	-	externamente , em forma de lavagem, para coceira no corpo	-	folha	
-	<i>Sida acuta</i> Burn.	MALVACEAE				-	guanxuma	-	externamente , em picadas de inseto	-	folha	
-	<i>Sida rhombifolia</i> L.	MALVACEAE				-	caxumba-branca	-	internamente , para afinar o sangue e para o colostreol; externamente , para picada de inseto	-	folha	
-	<i>Solanum</i>	SOLANACEAE				-	jurubeba	-	internamente	-	folha	

	<i>variabile</i> Mart.								, para diarreia			
-	<i>Sonchus oleraceus</i> L.	ASTERACEAE				-	dente-de-leão	-	internamente para diabete, diminui a taxa de colesterol e emagrece	-	folha	
<i>Sphagneticola trilobata</i> (L.) Pruski	<i>Wedelia paludosa</i> DC.	ASTERACEAE	X	X		arnica, arniqui	arnica	cicatrizante, para calcificar (osso quebrado), coluna, dor nas articulações, dor de dente	internamente , para desmanchar infecção; para dor e gripe; dor nos rins, no corpo e mal jeito; externamente , em machucado, pancadas e osso quebrado	folha, flor	partes aéreas	4
-	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.)	VERBENACEAE				-	gervão-preto	-	internamente em distúrbios renais; externamente	-	folha	

	Vahl							em picadas de inseto (lavagem)				
<i>Symphytum officinale</i> L.	<i>Symphytum officinale</i> L.	BORAGINACEAE	X			confrei	confrei	ferimentos, corrimento vaginal	internamente , para os nervos com melissa (<i>Lippia alba</i> (Miller) N.E.Brown); com melissa e espinheira-santa (<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart.), para afinar o sangue, colesterol e coração; para o estômago	folha	partes aéreas	1
<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	-	MYRTACEAE	X			cravo-da-índia**	-	dor de dente	-	semente	-	1

<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	MYRTACEAE	X			jambolão	biguaçu	diabetes	diabete	folha	folha	1
<i>Tanacetum parthenium</i> (L.) Sch. Bip.	<i>Chrysanthemum parthenium</i> (L.) Bernhadi	ASTERACEAE	X			artemis, artemísia	atremis	menstruação, coração, circulação	internamente, para infecção, regular a menstruação, cólica menstrual e dor na bexiga	não responderam	folha, flor	2
<i>Tanacetum vulgare</i> L.	-	ASTERACEAE	X	X		catinga-de-mulata	-	cólica, infecção no útero, quando menstruação não quer descer (é abortivo), dor muscular, machucado	-	folha	-	3
<i>Urera</i> sp.	-	URTICACEAE		X		urtiga	-	dor no nervo ciático	-	folha	-	1
-	<i>Verbascum virgatum</i> Stokes	ESCROFULARIACEAE				-	labaça	-	internamente, para dor de garganta	-	folha	

<i>Vernonia condensata</i> Baker	<i>Vernonia condensata</i> Baker	ASTERACEAE				boldo-chileno, boldo-do-chile, boldo-japonês, “boldo mais escuro”, negroton	figatil	idem <i>Plectranthus barbatus</i> (Lamiaceae): agonia de comer e/ou beber demais, mal-estar, prisão-de-ventre	internamente , para o fígado e sensação de areia no estômago	folha	folha	*
<i>Vernonia scorpioides</i> (Lam.) Pers.	<i>Vernonia scorpioides</i> (Lamarck) Persoon	ASTERACEAE		X		erva-de-são-simão	erva-são-simão	mal-estar, congestão	internamente , para provocar o vômito quando o estômago está muito cheio	folha	folha	1
<i>Zollernia ilicifolia</i> (Brongn.) Vogel	<i>Zollernia ilicifolia</i> (Brongn.) Vogel	FABACEAE (Faboideae)				espinheira-santa	espinheira-divina	dor de estômago, gastrite (antiinflamatório), azia, rins, bexiga (xixi trancado), afina o sangue,	internamente , para o estômago, úlcera nervosa e para os rins	folha	folha	*

								problema de coração, enjôo				
--	--	--	--	--	--	--	--	-------------------------------	--	--	--	--

(*) As plantas marcadas com * não tiveram o número de citações relacionado às espécies, pois diferentes espécies correspondem aos mesmos nomes científicos e em alguns casos algumas plantas citadas não puderam ser coletadas.

(**) Plantas adquiridas apenas através da compra em mercados, feiras e/ou farmácias.

As plantas mais citadas foram os boldos (diferentes espécies), a hortelã (*Mentha* spp.), a malva (*Malva parviflora*), a melissa (*Lippia alba*), a maçanilha (*Chamomilla recutita*) e a espinheira-santa (diferentes espécies). Dentre todas as plantas citadas, há que se atentar para o fato de diferentes espécies apresentarem o mesmo nome popular (como é o caso do boldo, da espinheira-santa e da erva-doce), o que faz com que o número de citações de uma planta (considerando o seu nome popular) possa ser bem diferente do número de citações de uma determinada espécie (o que não pôde ser determinado com precisão neste trabalho porque as coletas botânicas não puderam ser realizadas com cada um dos participantes).

A população entrevistada conhece por nome de boldo pelo menos três espécies vegetais: *Plectranthus grandis* (boldo-grande, boldo-chileno, boldo-japonês), *Plectranthus barbatus* (boldo “normal”, boldo peludinho), *Plectranthus ornatus* (boldinho, boldo-da-índia, boldo-chileno). Houve ainda um caso da espécie *Tetradenia riparia* ser apontada como um tipo de boldo, porém este foi um caso em que a pessoa não utilizava nem nunca havia utilizado (e por isso não foi considerada no levantamento total das espécies), afirmando ter ouvido falar que esta espécie é o boldo.

A erva-doce corresponde a duas espécies distintas, tendo sido identificada a espécie *Ocimum selloi*, que é cultivada e tem a folha utilizada para preparar o chá, e há também a erva-doce cuja parte da planta utilizada é a semente ou “baguinho”, geralmente comprada em mercados e correspondente à espécie *Pimpinella anisum*. Ambas são indicadas com as mesmas aplicações, relacionadas ao sistema digestivo, como dores “de barriga”, dor no estômago, cólicas (menstruais, intestinais, “de bebê”), gases, enjôo, vômito. Houve também indicação de erva-doce como calmante, para febre, dor de cabeça, “arca caída”, “friagem”. A espécie *Ocimum selloi* também foi citada como “funcho” por uma participante, sendo que este nome é dado também à espécie *Foeniculum vulgare*. O mesmo é observado com a espinheira-santa, que corresponde a duas espécies de família diferentes, coletadas na Costa da Lagoa, sendo elas *Maytenus aquifolium* e a *Zollernia ilicifolia*.

Schardong (1996) em seu trabalho nessas comunidades já havia levantado as confusões feitas pelas pessoas na identificação de plantas morfologicamente semelhantes, apontando o risco de erros na utilização, tendo em vista o possível alto grau de toxicidade de certas plantas.

Ocorre de a mesma espécie ter nomes diferentes, como a *Chamomilla recutita*, que foi citada tanto como camomila como maçanilha. Outro ponto a ser destacado é que algumas espécies apresentam variedades, as quais podem ser reconhecidas ou não pelos participantes

da pesquisa, como as hortelãs (*Mentha* spp.). Houve citações de hortelã-branca, hortelã-preta ou roxa ou vermelha e apenas hortelã, sem fazer distinção entre diferentes “tipos”. Mesmo nos casos em que as pessoas diferenciam as variedades, não há diferenças na aplicação das hortelãs. A espécie *Polygala paniculata* nas comunidades é conhecida tanto como gelol quanto como anador.

A relação do número de plantas e do número de citações pode ser vista na figura 2.

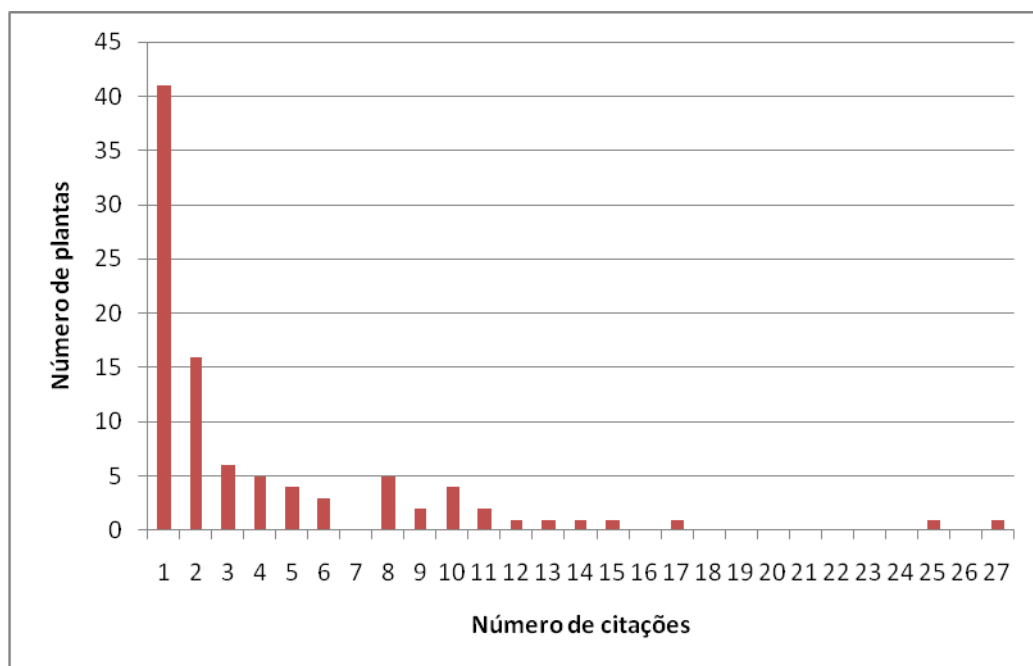


Figura 2: Relação do número de plantas com o número de citações

Há poucas plantas muito citadas, e diversas com uma e duas citações. Com 25 citações estão as hortelãs e 27 citações as três espécies de boldo. No gráfico estão sendo consideradas as plantas pelos nomes populares e não por espécies

As famílias botânicas com maior número de plantas citadas foram Asteraceae (n=17), Lamiaceae (n=11), Myrtaceae (n=6), Fabaceae (n=5), Rutaceae (n=4) e Amaranthaceae (n=3), tendo a maioria das famílias uma ou duas espécies citadas (Figura 3).

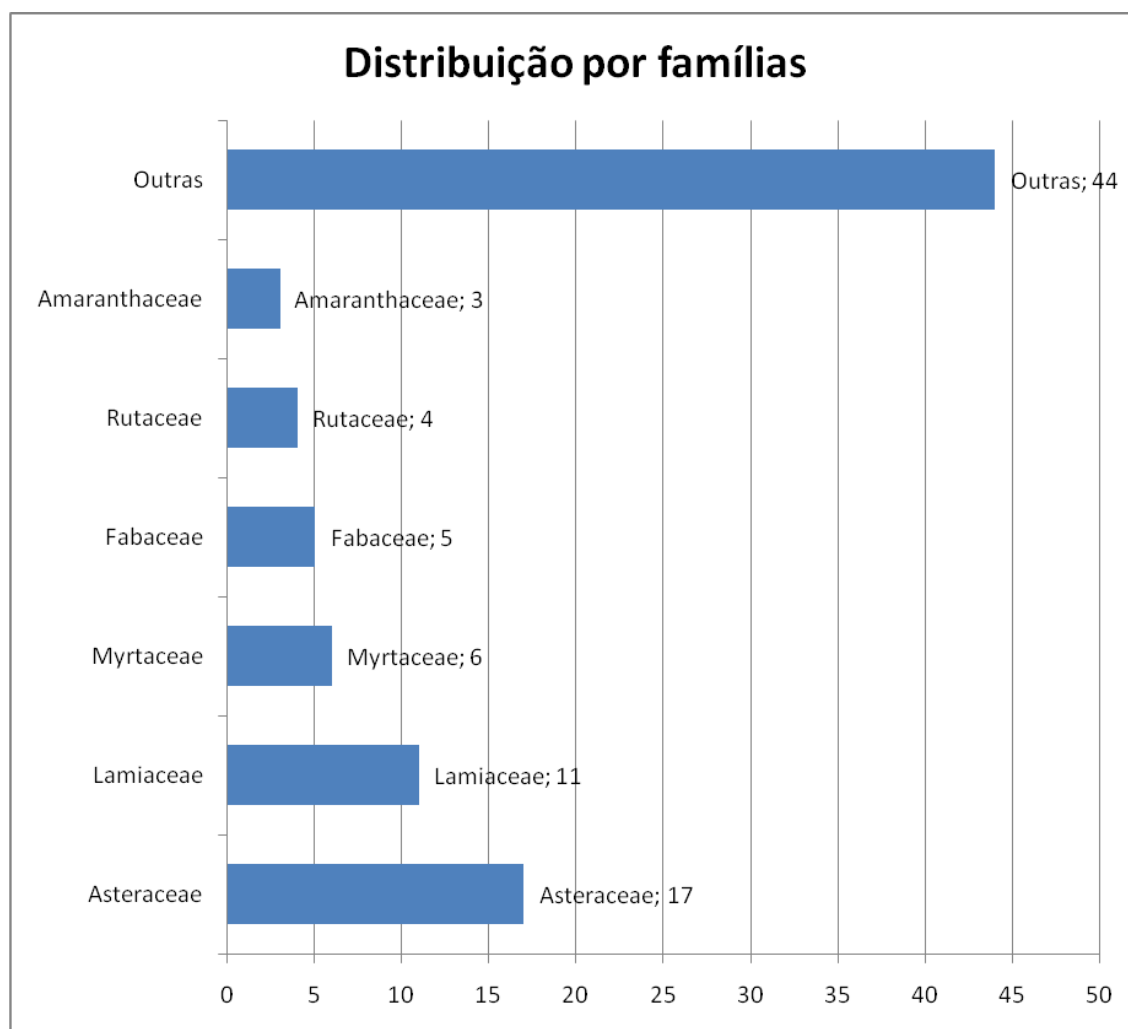


Figura 3: Distribuição de plantas por família botânica (entre “outras” estão: com 2 espécies por família: Alliaceae, Apiaceae, Asphodelaceae, Boraginaceae, Brassicaceae, Cucurbitaceae, Euphorbiaceae, Lauraceae, Lythraceae, Phytolacaceae, Poaceae, Rosaceae, Verbenaceae; com 1 espécie por família: Adoxaceae, Alismataceae, Balsaminaceae, Caricaceae, Celastraceae, Commelinaceae, Crassulaceae, Malvaceae, Musaceae, Passifloraceae, Phyllanthaceae, Plantaginaceae, Polygalaceae, Pteridaceae, Salicaceae, Theaceae, Urticaceae e Vitaceae)

Em outros estudos etnobotânicos sobre plantas medicinais em áreas de Mata Atlântica, Asteraceae e Lamiaceae também aparecem como as famílias mais representativas (BEGOSSI *et al.*, 2002; MEDEIROS *et al.*, 2004; PINTO *et. al.*, 2006; SILVA & PROENÇA, 2008; GIRALDI & HANAZAKI, 2010).

A parte da planta mais utilizada é a folha (72% das citações), sendo este percentual aumentado para 81% das citações se incluídas aquelas combinações da folha com o caule, chamados também “galhinhos” ou “raminhos”, muito comumente utilizadas em casos em que as folhas são muito pequenas e/ou o caule não é muito rígido. É comum entre os participantes

a combinação de outras partes das plantas com fins medicinais, totalizando 3% das citações. Outras partes das plantas utilizadas são a flor (3%), a semente (2%) e até a planta inteira (2%). Houve citações do uso do “dente” de alho (folha modificada), da casca, do fruto e da raiz, cada qual representando menos de 1% das citações, somando menos de 4%. Pouco mais de 2% das citações referiu-se aos sachês ou “chás de saquinho”, comprados em farmácias e/ou mercados.

Em relação ao modo de preparo das plantas para uso, a predominância das citações foi de infusão (57%), seguido de decocção (25%). Outras citações (8%) referiram-se à preparação com água fria ou gelada com a planta macerada, álcool para uso externo, xarope, leite de vaca, ou comer como salada. Há preferência de um determinado modo de preparo dependendo da planta utilizada, devido geralmente à espessura da folha, e com qual finalidade. Por exemplo, a mesma planta pode ser preparada por infusão com uma finalidade e por decocção para outra, como banho.

Em alguns casos, geralmente para finalidade de proteção contra inveja e mau-olhado, as plantas são utilizadas sem contato direto com o corpo, podendo somente colocar uma parte dela debaixo do travesseiro, ter a planta na casa ou no quintal, atrás da porta ou outro local em que ninguém a veja.

Uma grande parte dos participantes afirmou que costumavam preparar os chás por decocção no passado, mas que de uns tempos para cá aprenderam que “o certo” é preparar fazendo infusão. Estas pessoas afirmaram ter ouvido na televisão ou aprendido com um antigo médico da comunidade, mas nem todas aderiram ao modo de preparo por infusão, afirmando não ser a mesma coisa, como se não fizesse o mesmo efeito que quando preparado por decocção. Segundo um dos entrevistados, “parece que o chá não fica tão verdinho” ao fazer infusão, justificando a sua preferência pela decocção. Ou seja, notam-se modificações no conhecimento – ou ao menos no discurso – das pessoas, mas as novas informações não transformam necessariamente práticas mais antigas.

As aplicações mais citadas estão relacionadas às ações calmante e digestiva das plantas, sendo que algumas já deixaram de ser utilizadas porque não se observa mais nas comunidades determinadas doenças, como as conhecidas por “ataque de bicha”, “cisão”, “malária” e “tosse comprida”. Não se pode afirmar com certeza a que doenças estes nomes correspondem para a medicina moderna. Outras doenças ou problemas citados são: “impinche”, “furungo” (problemas de pele), “canseira” (problema respiratório), “mau-olhado”, “quebrante”, “arca-caída” (antigamente curadas por benzedeiras), “alevantação de sangue”

(algo similar a uma alergia). Uma das participantes da pesquisa que comentou o desaparecimento de algumas enfermidades antigamente comuns na comunidade atribui este processo a melhorias nas condições sanitárias e hábitos de higiene da população em geral.

Alguns participantes da pesquisa não cultivam planta medicinal alguma (n=11) em seus quintais, sendo que todos citaram ao menos uma planta que não cultiva e nem sabe onde encontrar nas comunidades. Entre os que não cultivam, estão pessoas idosas que tinham esta prática no passado, mas por limitações físicas deixaram o hábito, pessoas que moram com os pais e têm plantas cultivadas no quintal por eles (não têm esta prática incorporada), uma porque mantém um estacionamento em seu terreno e obtém em outros locais (como o terreno da mãe) e outras situações (espaço reduzido, terreno cimentado).

Portanto, certas plantas citadas são obtidas apenas através da compra em mercados, feiras e farmácias por não serem cultivadas nos quintais das casas, nem extraídas. Houve depoimentos relatando que algumas plantas que não são encontradas atualmente nas comunidades, já o foram em momento passado. A maçanilha ou camomila *Chammomilla recutita*, por exemplo, era antigamente encontrada em alguns locais da comunidade e atualmente nenhum dos participantes da pesquisa sabe onde encontrar a espécie, tendo que ser comprada no comércio.

IV.3. Com quem se aprende sobre as plantas?

Uma das questões abordadas durante o trabalho de campo foi com quem a pessoa aprendeu sobre cada planta. A maioria das citações (44%) de plantas teve o aprendizado relacionado aos pais e/ou a “pessoas mais antigas” da comunidade. Outras “fontes” de conhecimento sobre as plantas e indicações foram: um antigo médico da comunidade que não trabalha mais no Centro de Saúde, avós, outros parentes (irmãos, cunhados, tias, sogros), vizinhos, amigos, benzedeiros, madrinhas e outras pessoas. Também foram mencionadas, em quatro citações, outras fontes, como livros, revistas, cursos e programa de televisão. Sobre muitas plantas as pessoas não lembravam ou não sabiam dizer com quem aprenderam.

Ao perguntar se já haviam ensinado a outras pessoas sobre as plantas, a maioria (65% das citações) respondeu que sim, outros (16% das citações) que não, e em relação a determinadas plantas, os participantes afirmaram que “sim” ou “não”, complementando a resposta com frases como “todos já sabem”, “nascem sabendo”, “ninguém precisa ensinar”. Esta pergunta gerou interpretações bastante diversas, já que algumas pessoas demonstraram

considerar como ensino e aprendizagem processos que envolvam outras pessoas, “de fora”, que não façam parte da casa, da família, que não sejam realmente próximas. Imagino que mesmo tentando esclarecer que a questão sobre ensinar para outras pessoas, algumas ainda responderam “não” pensando que entre familiares, amigos próximos, é como se não devam ser considerados neste momento. Houve o caso de um participante que afirmou que “o que é bom não se pode ficar contando pra todo mundo”, que só fala quando perguntam para ele. Seu filho contou que aprendeu sobre o “mastruncho” com o pai, além de outras plantas, mas o pai, a cada pergunta sobre se já havia ensinado para outras pessoas dizia que não, ou não respondia claramente. Outra informante afirmou não ensinar sobre as plantas para ninguém, porém em outro momento da entrevista disse que já havia passado o que sabe para as filhas, e que considera importante as pessoas mais idosas deixarem o conhecimento antes de morrer, porque os jovens não se interessam muito. Segundo ela, os jovens “já não sabem nada dessas coisas de planta”, “os jovens de agora não usam mais plantas”.

IV.4. Retratos de dois momentos

A principal questão que motivou este estudo foi a investigação acerca do conhecimento e do uso de plantas com fins terapêuticos pelas populações em questão em dois momentos distintos. Pretendia-se investigar se as pessoas continuam conhecendo e utilizando as plantas antigamente conhecidas e utilizadas. Para tal, foi realizado um levantamento etnobotânico atual – descrito na primeira parte do trabalho – e observaram-se as práticas das comunidades relacionadas às plantas medicinais, buscando fazer comparações com o levantamento de Schardong (1996) feito em momento passado. A lista com as plantas de ambos os levantamentos está na tabela 1.

Para observar como o conhecimento está distribuído entre os diferentes grupos de informantes desta pesquisa, foi calculada a média de citações de plantas medicinais por grupo (Figura 4).

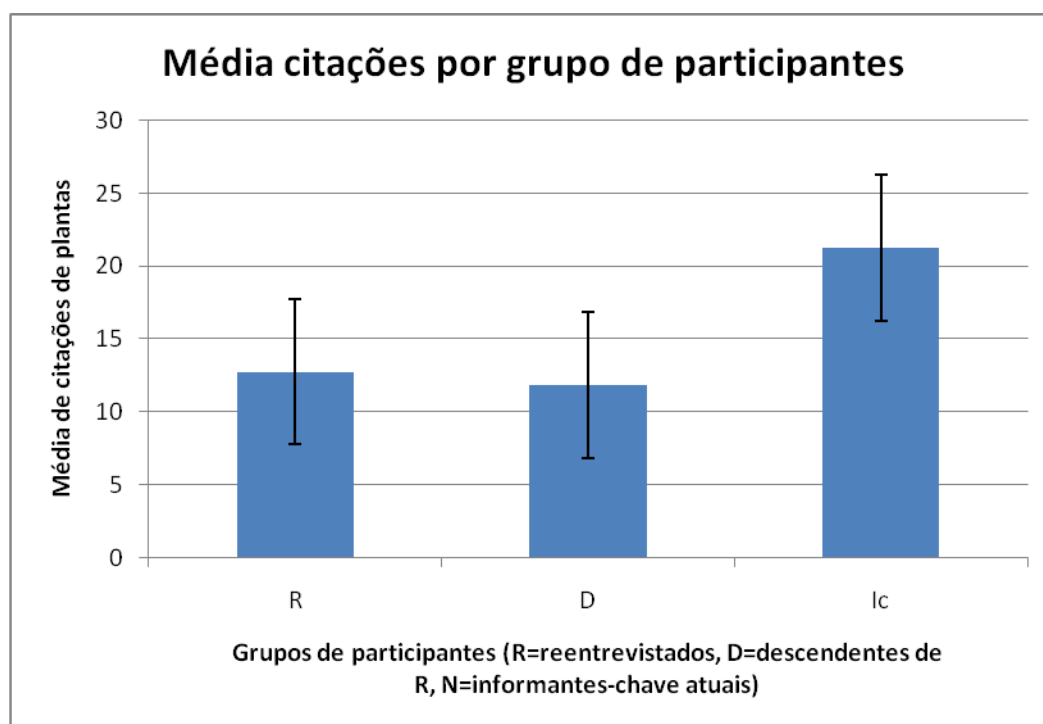


Figura 4: Média de citações por grupo de participante. R=reentrevistados (n=13); D=descendentes (n=12); Ic=informantes-chave atuais (n=4)

O grupo de participantes que apresentou maior média de citações de plantas medicinais foi o de informantes-chave atuais, o que pode confirmar que algumas pessoas dentro da comunidade são reconhecidas por conhecerem, plantarem e/ou utilizarem mais

plantas (ou mais frequentemente) com fins terapêuticos. Pode-se perceber uma média de citações relativamente próxima entre os grupos de reentrevistados e seus descendentes, o que pode ser relacionado aos depoimentos do aprendizado sobre as plantas com os pais e avós. O tamanho amostral diferiu entre os grupos R e D devido ao fato de que uma das participantes do grupo de reentrevistados não possuía descendente com pelo menos 18 anos de idade para ser entrevistado.

Como no trabalho de Schardong (1996), observou-se que poucas plantas foram citadas por um alto número de pessoas, estando entre as mais conhecidas e utilizadas. A maioria das plantas foi citada uma ou duas vezes (Figura 2).

É importante ressaltar que esta é uma visão quantitativa dos dados levantados durante a pesquisa, e que em termos de conhecimento e uso, não são os números o fator mais importante nem indicativo único de qualquer parâmetro. Esta análise é feita com o intuito de verificar se há grandes diferenças em termos quantitativos na distribuição do conhecimento acerca das plantas tanto em termos de idade e de grupos de participantes estabelecidos na metodologia da pesquisa proposta.

As entrevistadas do grupo de informantes-chave atuais, além de apresentarem maior média de citações e de cultivarem diversas plantas medicinais em seus quintais, diferente de grande parte dos entrevistados, acrescentaram a suas respostas alguns conhecimentos “mais refinados” acerca das plantas, em relação ao modo de preparo para uso, cuidados com as plantas e informações de como obter as plantas que não cultivam em seus quintais.

Embora o grupo de descendentes tenha apresentado uma média de citações semelhante à de seus pais, portanto demonstrando ter o conhecimento teórico sobre as plantas, observou-se que por mais que já tenham utilizado as plantas que conhecem, não possuem o hábito de cultivá-las e, em alguns casos, nem mesmo as reconhecem ou diferenciam plantas distintas. Um dos descendentes entrevistados, por exemplo, citou hortelã e erva-cidreira dentre as plantas e disse confundir ambas, não sabendo distinguir uma da outra na prática. Em outra entrevista, o participante chamou de “boldo” um espécimen do gênero *Mentha* spp., plantas extremamente diferentes entre si. Isso pôde ser mais observado entre os descendentes mais jovens, visto que duas pessoas deste grupo, de 49 e 57 anos de idade, mantêm o hábito de plantar e sabem onde encontrar as plantas medicinais que não cultivam.

Reyes-García e colaboradores (2007) diferenciam conhecimento etnobotânico teórico ou passivo e conhecimento etnobotânico prático, o que pôde ser observado em algumas entrevistas. Em seu artigo de revisão afirmam, baseados em outros autores, que a

nomenclatura das plantas é adquirida na adolescência, mas habilidades práticas nem sempre são desenvolvidas na mesma época, e em alguns casos só são obtidas na idade adulta.

Os jovens dessas comunidades estão se voltando a novas atividades, aumentando a escolarização e buscando profissionalização para se prepararem para empregos fora da comunidade ou dentro dela, mas voltadas ao turismo, e não mais à pesca ou agricultura como no passado. A pesca é uma atividade que vem sofrendo declínio há tempos, e atualmente muitos a mantêm mais para subsistência e como algo pertencente à sua cultura, seu modo de vida do que para comercializar os peixes e ter algum lucro com isso. Essa tendência das novas gerações a sair da comunidade para estudar e/ou trabalhar fora acaba por reforçar o distanciamento das pessoas da terra, das plantas e práticas a elas associadas.

Sobre o processo de transformações sócio-econômicas na Costa da Lagoa, traçando um histórico da passagem da agricultura para a pesca e mais recentemente para a atividade turística, ver a dissertação de Gimeno (1992). Além dela, Lago (1996) retrata o processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina e a transição das atividades agrícolas e pesqueiras para o turismo e construção civil, discutindo as transformações da cidade e modos de vida através de entrevistas com pessoas de três gerações consecutivas.

Com exceção de três participantes do grupo dos reentrevistados, que afirmaram ter passado o conhecimento sobre plantas para os filhos, os demais relataram a falta de interesse dos mais jovens em conhecer e utilizar plantas como remédios. Alguns depoimentos registrados sobre esta questão foram: "os jovens de agora não usam mais plantas", "na Costa não tem mais muita planta, as pessoas mais velhas tinham, as mais novas não têm o hábito de plantar, as plantas foram morrendo, ninguém planta mais", "pessoas estão usando menos, algumas pessoas plantam, os jovens são mais difíceis pra plantar".

Houve o depoimento de uma participante que pensa que as pessoas estão utilizando mais plantas, tomando mais chás e relacionou esse fato à busca de hábitos mais saudáveis de vida. Segundo ela, contudo, "ninguém mais quer plantar, só pedichar", afirmou que as pessoas têm preguiça de plantar, cuidar das plantas e queixou-se porque há quem entre no terreno dela para pegar plantas e acabam prejudicando-as, devido à falta de cuidado de alguns.

IV.5. Similaridades

Para a comparação quantitativa das listas de espécies levantadas, foram excluídas as que são obtidas exclusivamente através da compra no comércio sem a possibilidade de serem

encontradas nas comunidades estudadas (registradas no levantamento atual), para tentar uma aproximação o mais fiel possível do levantamento anterior.

Os coeficientes do índice de similaridade de Jaccard relacionados às listas de espécies levantadas em cada grupo de participantes estão na Tabela 2.

Tabela 2: Índice de similaridade de Jaccard. S antes= pessoas entrevistadas por Schardong (1996)

Grupos comparados	Coeficiente de Jaccard (Sj)
Reentrevistados x Descendentes	0,54
Reentrevistados x Informantes-chave	0,51
S antes x Reentrevistados	0,49
Descendentes x Informantes-chave	0,41
S antes x Informantes-chave	0,37
S antes x Descendentes	0,37

O coeficiente de similaridade de Jaccard com a máxima similaridade possível, considerando listas com as mesmas espécies, teria o valor máximo de 1,00 (100% de similaridade). Tendo isso em vista, pode-se observar os diferentes índices de similaridade entre os grupos de informantes. A maior similaridade verificada foi entre as listas dos reentrevistados e seus descendentes ($S_j=0,54$ ou 54% de similaridade), o que pode estar relacionado ao processo de aprendizagem sobre plantas medicinais, o qual se dá em sua maior parte na interação entre pais e filhos, segundo os próprios participantes.

Próximo a este valor ficou a comparação feita entre as listas de espécies citadas pelos reentrevistados e os informantes-chave atuais, com $S_j=0,51$ ou 51% de similaridade. É possível fazer uma relação dessa similaridade com o reconhecimento pela comunidade de pessoas que têm conhecimento sobre as plantas ou o hábito de plantá-las e utilizá-las, em ambos os momentos registrados.

Todas as outras listas apresentaram menos de 50% de similaridade entre si, sendo as menos similares as do levantamento de Schardong (1996) e os outros dois grupos, o de

informantes-chave atuais e o de descendentes, ambos com $S_j=0,37$ ou 37% de similaridade. Nesses casos, observou-se não só diferenças no número de espécies citadas, mas também na composição das mesmas.

Ao fazer uma comparação entre a lista de espécies de Schardong (1996) no passado e considerando todas as espécies compondo uma única lista atual, percebe-se uma alta similaridade, tanto em termos de número de espécies (84 e 85, respectivamente) quanto no número de espécies em comum a ambas. Se considerados como um levantamento passado e um atual, observa-se que houve não apenas “perdas” de uma lista para outra (espécies citadas anteriormente e não mais atualmente), mas também “acréscimos” (outras plantas sendo citadas) (Apêndice 4).

Deve-se apontar para o fato de diferentes pessoas terem sido entrevistadas nos dois momentos, o que pode explicar a presença ou ausência de algumas espécies das listas, principalmente, aquelas que tiveram apenas uma ou poucas citações nos levantamentos, não sendo possível mensurar estes casos.

IV.6. Dinâmica do conhecimento

Fala-se muito da tradição de transmissão oral dos conhecimentos através das sucessivas gerações, e há trabalhos que trazem a hipótese da “aculturação” ou “perda” de conhecimentos sobre plantas medicinais devido a uma série de fatores, como uma suposta falta de interesse dos membros mais jovens de um determinado grupo, o processo de modernização e urbanização das comunidades locais, o incremento do acesso aos serviços de saúde, entre outras transformações sociais e ambientais (PHILLIPS & GENTRY, 1993; BENZ *et al.*, 2000; CASE *et al.*, 2005; PINTO *et al.*, 2006).

Phillips & Gentry (1993) apontam em seu trabalho no Peru uma maior susceptibilidade à perda dos conhecimentos sobre plantas de uso medicinal em relação a plantas utilizadas com outros fins (comestíveis, para construção, lenha, comércio). Os autores atestam que o aprendizado acerca das plantas medicinais tende a ser um processo mais difícil e complexo e construído mais lentamente ao longo da vida (em relação às plantas comestíveis), além da observação de que os jovens demonstram menos motivação para aprender sobre plantas medicinais do que as pessoas mais idosas. A vulnerabilidade à perda de conhecimento acerca das plantas medicinais foi também apontada por Case e colaboradores (2005), os quais investigaram fatores que influenciam na manutenção de conhecimentos indígenas em Papua-

Nova Guiné, e associaram este fato à substituição do uso de plantas medicinais por fármacos modernos. Benz *et al.*, baseados em sua pesquisa no México, também (2000) afirmam que o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais em comunidades locais pode ser “erodido” ou diminuir devido à modernização e à oferta de serviços públicos. Além deles, há outras pesquisadoras citadas por Araújo (2002) em seu livro “Das ervas medicinais à fitoterapia”, que partem do pressuposto de que as práticas populares de cura tendem a desaparecer no meio urbano à medida que a população passa a ter acesso a recursos inexistentes no meio rural.

Além desses fatores, não se observa o mesmo incentivo ao uso de plantas medicinais que é dado ao uso de medicamentos industrializados. A indústria farmacêutica está em constante crescimento e fortalecimento, e são comuns as propagandas de medicamentos nos meios de comunicação. A ideia de segurança e facilidade na utilização dos medicamentos, juntamente com as transformações já comentadas anteriormente, estimula as pessoas a recorrerem a eles. É possível também, que no passado as pessoas recorressem mais às plantas – e outras práticas médicas populares, como o benzimento – pela própria necessidade e impossibilidade de acessar outras alternativas, além da maior incidência de certas doenças mais comuns antigamente. Ao longo da pesquisa ao menos 50% dos entrevistados comentou que atualmente não se vêem mais doenças muito frequentes no passado.

Certamente os serviços públicos de saúde interagem e possivelmente modificam as práticas de tratamento e cuidado com a saúde, influenciando nas práticas relativas às plantas utilizadas como recursos terapêuticos. É possível, inclusive, que o repertório etnobotânico diminua com o tempo a partir da inserção desses serviços em uma determinada comunidade. Há que se ter cuidado, porém, ao afirmar que há “erosão” do conhecimento ou o abandono de práticas mais antigas somente devido a este fator.

Aparentemente, autores como os anteriormente citados (PHILLIPS & GENTRY, 1993; BENZ *et al.*, 2000; CASE *et al.*, 2005; PINTO *et al.*, 2006) partem de uma perspectiva mais biológica, no sentido de relacionar as transformações ambientais como um fator determinante no processo de construção e manutenção de conhecimentos, portanto vendo algumas mudanças como “perdas” e “ganhos”. Entretanto, deve-se considerar que a cultura é dinâmica e se transforma constantemente e, por isso, talvez não se devam encarar certas modificações como “perdas” e “ganhos” e sim como parte intrínseca a essa dinâmica. Partindo desse ponto de vista, torna-se questionável o processo de “aculturação”, já que a cultura não é estática. Ou seja, o termo “aculturação” remete à ideia de que algo foi perdido e restou um espaço vazio;

entretanto o que pode estar ocorrendo são mudanças em um conjunto de conhecimentos de um dado grupo humano, entre as quais se podem identificar tanto perdas como incorporação de novos elementos.

O acesso aos serviços públicos de saúde está sendo cada vez mais facilitado por políticas públicas que mantêm na Costa da Lagoa um Centro de Saúde com diversos profissionais da área de saúde (médico, dentista, agentes de saúde, entre outros) e medicamentos industrializados receitados e distribuídos gratuitamente à comunidade através do Sistema Único de Saúde (SUS). No Canto dos Araçás não há um Centro de Saúde exclusivo do bairro, porém este se encontra na área de abrangência do Centro de Saúde da Lagoa da Conceição, o qual atende os moradores da mesma forma, e segue o mesmo padrão do Centro de Saúde da Costa da Lagoa.

Os dados da pesquisa feita por Araújo (2002) em Londrina indicaram que a recorrência a práticas de cura populares não deixou de existir apesar da oferta de serviços públicos de saúde na região. Menendez (2003) discute modelos de atenção aos padecimentos e afirma que, nas sociedades latinoamericanas atuais, observa-se o “pluralismo médico”, termo que se refere à utilização pela população de variadas formas de atenção, tanto para diferentes problemas de saúde quanto para um único problema. Neste mesmo sentido, Amorozo (2004), em seu trabalho desenvolvido no Mato Grosso, aborda a complementaridade existente na recorrência entre diferentes práticas terapêuticas, constatando que, ao invés da substituição das plantas medicinais por remédios industrializados, o que se percebe é o uso paralelo de ambos os recursos pela população. No caso da Costa da Lagoa e do Canto dos Araçás, em termos gerais, o mesmo pôde ser observado. Não houve a substituição nem o abandono de outras práticas populares como o uso de plantas medicinais após a inserção do serviço público de saúde, e independente da análise quantitativa dos dados, pode-se afirmar que a população continua a recorrer a esses recursos em maior ou menor grau.

Houve inclusive depoimentos de uso conjunto de plantas e remédios industrializados por alguns participantes da pesquisa, reforçando a ideia da complementaridade que se dá em alguns casos, concomitantemente. Uma entrevistada relatou que quando teve uma “alergia feia, no corpo todo”, usou feijão andu, malva e tachá para fazer banho e beber o chá (sua mãe lhe ensinou que tudo o que é bom para banho deve-se tomar um pouco do chá), e usou também o sabonete e o remédio receitados pelo médico. Reforçou ainda que “não tem problema usar remédio do médico mais o chá”. Duas outras informantes disseram que o chá

da folha da laranjeira é bom pra tomar com comprimidos antigripais. Por outro lado, há também o registro de pessoas que não utilizam mais plantas, como uma informante que relatou que faz tempo que não usa plantas medicinais e que “o pessoal já não quer chá, quer comprimido”.

Não se pode negar, por outro lado, que há uma tendência a diminuir o uso e cultivo de plantas, bem como a “perda” de alguns conhecimentos a elas relacionados, devido a múltiplos fatores já comentados anteriormente. É possível que algumas espécies em outro momento conhecidas, cultivadas e utilizadas estejam fadadas a desaparecer por completo dessas comunidades devido a transformações socioculturais e ambientais.

Vive-se atualmente um momento de grandes transformações sociais e ambientais, e assistimos todos os dias a uma série de casos de desmatamento e outros “crimes ambientais”, além de frequentes notícias sobre a “perda” ou “diminuição” da biodiversidade. Por outro lado, então, são inegáveis as modificações nos ecossistemas, incluindo os criados e mantidos por populações humanas, como é o caso de quintais e hortas onde são cultivadas plantas medicinais, além dos ambientes em que se desenvolvem plantas extraídas.

Passados quase 15 anos do levantamento realizado por Schardong (1996), as comunidades estudadas sofreram algumas modificações, mantendo a tendência à urbanização, à especulação imobiliária e ao incremento do turismo. Ao serem questionados sobre as mudanças observadas nas comunidades, os informantes citaram a facilidade de transporte, acesso e o crescimento do local com a chegada de pessoas de fora para morar, alugando ou comprando casas, bem como a manutenção dos restaurantes e o surgimento de novos (todos de famílias nativas da Costa). Foi muito comentada a melhoria dos horários das embarcações que fazem o transporte para a Costa da Lagoa e a melhoria da estrada e criação da linha de ônibus que dá acesso ao Canto dos Araçás. Uma entrevistada citou a instalação de telefones públicos, da rede de esgotos atualmente, a melhoria do posto de saúde, dos pontos do barco (trapiches novos) e os horários dos barcos. Uma entrevistada afirmou que “as crianças de agora têm mais saúde”, e outra que comentou o mesmo atribuiu este fato às melhorias nas condições sanitárias (agora as pessoas têm banheiros, antes eram “casinhas”, as fezes entravam em contato diretamente com a terra e água) e hábitos de higiene das pessoas. Duas respostas acerca das mudanças na comunidade foram referentes ao acesso à internet, ao aumento do acesso à comunicação, principalmente entre os mais jovens.

Ainda relativas às mudanças na comunidade, falou-se sobre os empregos criados pelos restaurantes e o crescimento da Costa da Lagoa pelo turismo e para moradia de pessoas vindas e fora: “restaurantes estão dando mais emprego, muito turista e gente pra morar aqui”. Pinto e colaboradores (2006), em seu trabalho em comunidades rurais de Itacaré (BA), apontam o contato dos moradores com pessoas vindas de outros locais, estimulado pelo turismo, como uma influência às práticas locais, inclusive no cultivo e utilização de determinadas plantas.

Outro fator que interage com as práticas e conhecimentos locais, também citado por Pinto *et al.* (2006), é a penetração da religião evangélica nas comunidades, a qual proíbe, por exemplo, o benzimento, que se constitui de uma antiga prática local de cura. Durante a pesquisa, os informantes que comentaram a presença de benzedadeiras na comunidade, relataram que está cada vez mais raro encontrar pessoas que sabem benzer. Diversas delas já faleceram. Atualmente há duas antigas benzedadeiras, senhoras idosas que não praticam mais o benzimento, sendo uma delas por ter se convertido à religião evangélica. A conversa com a outra senhora foi registrada à parte das entrevistas (Apêndice 4).

Há também um componente não muito discutido que é de extrema importância na “manutenção” de certos conhecimentos e práticas, que é o interesse ou gosto individual pelas plantas, suas propriedades e o próprio ato de cultivar e cuidar das plantas. Independente do gênero, da idade ou da influência dos pais, o que mais determina se a pessoa cultiva ou não plantas, tem ou não o hábito de utilizá-las (agora deixando um pouco de lado a observação da comunidade como coletivo) é uma motivação pessoal, que é muito subjetiva. Às vezes, filhos de pessoas que sabem, cultivam e utilizam largamente plantas não têm os mesmos hábitos de cultivar e utilizar plantas com fins medicinais. Por outro lado também, há pessoas que se interessam muito, gostam das plantas mesmo sem terem pais que tivessem tal hábito. Há jovens que demonstraram conhecer e utilizar mais plantas e com maior frequência do que pessoas idosas, que durante muito tempo de suas vidas tiveram que recorrer a práticas terapêuticas alternativas à medicina moderna por não terem outra escolha/opção. Os informantes-chave identificados nesta pesquisa demonstraram um interesse especial pelas plantas, pelas possíveis aplicações das mesmas ou pelo prazer de cultivá-las.

Sabe-se que o conjunto de citações em uma pesquisa etnobotânica não corresponde ao universo de plantas efetivamente utilizadas, uma vez que as pessoas não necessariamente usam tudo o que conhecem. Neste trabalho, 90% das citações de plantas foram relacionadas

ao uso das mesmas, ao menos uma vez. Houve citações por pessoas com o conhecimento sobre algumas plantas e a maneira de utilizar, mas que nunca fizeram uso das mesmas (menos de 10%).

Outra observação feita durante o trabalho foi que algumas pessoas, em geral as mais idosas, tinham o hábito de plantar e utilizar diversas plantas no passado, mas perderam esta prática com o tempo por diversos motivos. Dentre eles podem ser citados a diminuição dos terrenos e quintais, a facilidade de acesso ao serviço público de saúde e o avanço da idade e consequentes problemas de saúde, passando a ser cuidadas pelos filhos e fazendo uso mais frequente de medicamentos industrializados do que de plantas. Ou seja, as transformações no ambiente e no modo de vida da comunidade como um todo são fatores que interagem com a dinâmica de conhecimentos e práticas envolvendo as plantas medicinais ao longo do tempo.

Na área de estudo, pode-se observar a ocupação da terra pelas pessoas para a construção de novas residências para moradia ou como casas para passar fins-de-semana e férias (estas geralmente pertencentes a pessoas que vêm “de fora”). As famílias nativas geralmente se mantêm no local, sendo que os pais cedem parte de seus terrenos aos filhos para que construam suas casas, diminuindo dessa forma os terrenos e quintais na medida em que as famílias crescem. Além disso, de acordo com a legislação ambiental, pelas características locais há vários anos não se pode mais abrir roças para prática de agricultura, o que também afasta as pessoas da terra e modifica relações estabelecidas em outros momentos com a mesma.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa permitiu a identificação de alguns aspectos sobre o conhecimento e o uso de plantas medicinais por uma parcela das comunidades Costa da Lagoa e Canto dos Araçás. Verificou-se a diferença entre conhecimento etnobotânico prático e teórico, principalmente relacionado à idade dos informantes.

As pessoas destas comunidades, de modo geral, continuam recorrendo às plantas medicinais através de práticas populares, mesmo com o acesso facilitado ao serviço público de saúde e aos medicamentos industrializados.

Observou-se, porém, em relação às práticas de cultivo de plantas, que a tendência é que estas diminuam; as pessoas parecem plantar menos do que no passado e a presença de algumas espécies nas comunidades pode estar comprometida devido a essa mudança, já sendo difícil acessar algumas delas. Como foi discutido ao longo do trabalho, são várias as questões envolvidas nas práticas populares relativas às plantas medicinais, sendo estas norteadas pelo processo dinâmico de transformações no modo de vida das pessoas nestas comunidades. Podem ser citadas, entre elas: a diminuição dos terrenos e quintais; o abandono de práticas agrícolas devido a questões ambientais, afastando as pessoas da terra; os idosos que tinham as práticas com as plantas mais incorporadas no seu cotidiano estão deixando de mantê-las devido a limitações físicas relacionadas à idade; os jovens das comunidades estão se voltando a novos trabalhos fora da comunidade, ou mesmo dentro dela, relacionados ao crescente turismo. Observou-se que as pessoas recorrem, como alternativa para esse problema, aos poucos moradores que têm o hábito de plantar ou às plantas obtidas no comércio, como feiras, mercados e farmácias.

Algumas questões metodológicas podem também ter influenciado nos resultados obtidos. Nem todos os informantes de Schardong (1996) foram reentrevistados, devido ao falecimento de alguns e a saída de outros das comunidades. Algumas pessoas foram entrevistadas em um único dia. Outras tiveram que ser visitadas mais vezes, por terem sido entrevistadas em seu local de trabalho, como o Centro de Saúde, restaurante e embarcação. Nestes casos, a coleta botânica não pôde ser realizada no mesmo momento. As coletas também não puderam ser realizadas em dias chuvosos, ou em casos em que a disponibilidade de tempo do informante era limitada. Com algumas pessoas não foi possível realizar a turnê guiada, devido a limitações físicas ou à própria indisponibilidade do informante.

Embora o trabalho acadêmico de pesquisa almeje sempre aplicar métodos padronizados e estabelecer e definir padrões, isso nem sempre é possível, principalmente quando se trabalha com pessoas, já que diversas questões não são mensuráveis. Ao realizar pesquisas em uma área interdisciplinar, como a etnobiologia se propõe a ser, há outros desafios a serem enfrentados, como a comunicação entre as ciências biológicas e as sociais. Cada uma carrega seus princípios teóricos e metodologias, guiados por suas próprias visões de ciência. Buscou-se discutir o assunto a partir de trabalhos etnobotânicos e da antropologia, tentando fazer a convergência de visões ao mesmo tempo contraditórias e complementares.

Não poderia deixar de ser comentada, por fim, a oportunidade (quase) única de realizar este trabalho, retornando aos mesmos locais onde foi realizada uma pesquisa anterior, também como Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Biológicas da UFSC. Foi muito interessante e gratificante poder realizar esta pesquisa, nessa área, com essas pessoas!

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCORN, J. B. 1995. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. *In*: SCHULTES, R.E.; REIS, S. (Eds.). **Ethnobotany: Evolution of a discipline**. Oregon: Dioscorides Press. p. 23-39.
- ALBUQUERQUE, U.P. 2005. **Introdução à etnobotânica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Interciencia.
- ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. 2008a. Seleção e escolha dos participantes da pesquisa. *In*: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. (Orgs). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: Comunigraf. p. 21-40.
- ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. 2008b. Métodos e técnicas para a coleta de dados etnobotânicos. *In*: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. (Orgs). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2 ed. Recife: Comunigraf. p. 41-72.
- ALBUQUERQUE, U.P. 2008. Etnobotânica aplicada para a conservação da biodiversidade. *In*: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. (Orgs). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2 ed. Recife: Comunigraf. p. 227-240.
- ALEXIADES, M.N. 1996. Collecting ethnobotanical data: an introduction to basic concepts and techniques. *In*: ALEXÍADES, M.N. (Ed.). **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York: The New York Botanical Garden.
- AMOROZO, M.C.M. 2002. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 16(2): 189-203.
- AMOROZO, M.C.M. 2004. Pluralistic medical settings and medicinal plant use in rural communities, Mato Grosso, Brazil. **Journal of Ethnobiology** 24(1): 139-161.
- ARAÚJO, M.A.M. 2002. **Das ervas medicinais à fitoterapia**. Cotia: Atelie, FAPESP.
- BALICK, M.J.; COX, P.A. 1997. **Plants, people and culture**. New York, Scientific American Library.

BEGOSSI, A. 2001. Resiliência e populações neotradicionais: os caiçaras (Mata Atlântica) e os caboclos (Amazônia, Brasil). In: DIEGUES, A.C.; MOREIRA, A.C.C. (Orgs.). **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: NUPAUB. p. 205-236.

BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, J.Y. 2002. Medicinal plants and the Atlantic Forest (Brazil): knowledge, use and conservation. **Human Ecology** 30(3): 281- 299.

BENZ, B.F.; CEVALLOS, E.J.; SANTANA M.F.; JESUS A.R.; GRAF, M.S. 2000. Losing knowledge about plant use in the Sierra de Manantlan Biosphere Reserve, Mexico. **Economic Botany** 52: 183-191.

BITTENCOURT, L.C. 2005. **Um estudo sobre a atividade turística na Costa da Lagoa, Florianópolis, SC e suas consequências**. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental). Centro Tecnológico, UFSC.

CARRERO, G.C. 2004. **A percepção sobre o ambiente e o conhecimento ecológico de moradores da Costa da Lagoa, Ilha de Santa Catarina, sul do Brasil: contribuições para a conservação**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas). Centro de Ciências Biológicas, UFSC.

CASE, R.J.; PAULI, G.F.; SOEJARTO, D.D. 2005. Factors in maintaining indigenous knowledge among ethnic communities of Manus Island. **Economic Botany** 59: 356-365.

CASTELLUCCI, S.; LIMA, M.I.S.; NORDI, N.; MARQUES, J.G.W. 2000. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, município de Luiz Antônio/SP: Uma abordagem etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais** 3: 51-60.

CAVALLI-SFORZA, L.L. 2000. **Genes, peoples, and languages**. New York: North Point Press.

CHRISTO, A.G.; GUEDES-BRUNI R.R.; FONSECA-KRUELF, V.S. 2006. Uso dos recursos vegetais em comunidades rurais limítrofes à Reserva Biológica de Poço das Antas, Silva Jd., Rio de Janeiro: estudo de caso na gleba Aldeia Velha. Rio de Janeiro: **Rodriguesia** 57(3): 519-542.

CORDOVA, C.M.M.; DEMÉTRIO, S. 1994. **Uso de ervas medicinais e fitoterápicos na comunidade da Costa da Lagoa – Florianópolis**. Trabalho de Conclusão de Estágio Supervisionado em Farmácia. Centro de Ciências da Saúde, UFSC.

DAVIS, E.W. Ethnobotany: an old practice, a new discipline. 1995. *In*: SCHULTES, R.E.; REIS, S. (Eds.). **Ethnobotany**: Evolution of a discipline. Oregon: Dioscorides Press. p. 40-51.

DIAS, E. 2001. **Perfil sócio-econômico, histórico e cultural da comunidade da Costa da Lagoa, Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, SC**. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental). Centro Tecnológico, UFSC.

GIMENO, S.I.D. 1992. **O destino viaja de barco: um estudo histórico, político e social da Costa da Lagoa e de seu processo de modernização (1930-1990)**. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, H. 2010. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 24(2): 395-406.

HANAZAKI, N. 2004. Etnobotânica. *In*: BEGOSSI, A. (Org.). **Ecologia de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo: Hucitec. p. 37-57.

IPNI. **The International Plant Names Index**. [on line]. Disponível em: <<http://www.ipni.org/>>. Acesso em julho de 2010.

IPIUF. **Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis**. Florianópolis: IPIUF, 2004.

LAGO, M.C.S. 1996. **Modos de vida e identidade: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC.

LAZZAROTTO, A.; FONTANELLA, F.V.; BACCIN, T.G. 1996. **Monografias de plantas medicinais utilizadas em duas comunidades da Ilha de Santa Catarina – SC**. Trabalho de Conclusão de Estágio Supervisionado em farmácia. Centro de Ciências da Saúde, UFSC.

LEGENDRE, P.; LEGENDRE, L. 1998. **Numerical ecology**. 2 ed. Amsterdam: Elsevier Science BV.

LORENZI, H.; SOUZA, H.M. 2000. **Plantas daninhas do Brasil: terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas**. Nova Odessa, Instituto Plantarum.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. 2008. **Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2 ed. Nova Odessa, Instituto Plantarum.

LORENZI, H.; SOUZA, V.C. 2008. **Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG II**. 2 ed. Nova Odessa, Instituto Plantarum.

MARQUES, J.G.W. 2002. O Olhar (Des)multiplicado. O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. *In*: AMOROZO, M.C.M.; MING, L.C.; SILVA, S.P. (Eds.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: UNESP. p. 31-46.

MDS. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome**. [on line]. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/noticias/programa-nacional-de-plantas-medicinais-e-fitoterapicosdisponibiliza-consulta-publica-1>. Acesso em 03/10/2009.

MEDEIROS, M. F. T.; FONSECA, V. S.; ANDREATA, R. H. P. A. 2004. Plantas medicinais e seus usos pelos sitiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasílica** **18**(2): 391-399.

MENENDEZ, E.L. 2003. Modelos de atención de los padecimientos: de exclusiones teóricas y articulaciones prácticas. **Ciência e Saúde Coletiva** **8**(1): 185-207.

MING, L. C. 1996. Coleta de plantas medicinais. *In*: DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas Medicinais: Arte e Ciência**. São Paulo: UNESP. p. 69-86.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A.H. 1993. The useful plants of Tambopata, Peru: II. Additional hypothesis testing in quantitative ethnobotany. **Economic Botany** 47(1): 33-43.

PINTO, E.P.P.P.; AMOROZO, M.C.M.; FURLAN A. 2006. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de Mata Atlântica - Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 20(4): 751-762.

REYES-GARCÍA, V.; MARTÍ, N.; MCDADE, T.; TANNER, S.; VADEZ, V. 2007. Concepts and methods in studies measuring individual ethnobotanical knowledge. **Journal of Ethnobiology** 27 (2): 182–203.

ROSSATO, S.C.; LEITÃO FILHO, H.F.; BEGOSSI, A. 1999. Ethnobotany of caiçaras of the Atlantic Forest coast (Brazil). **Economic Botany** 53(4): 377-385.

SCHARDONG, R.M.F. 1996. **Levantamento das plantas de uso medicinal nas comunidades do Canto dos Araçás e Costa da Lagoa, Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, SC.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas). Centro de Ciências Biológicas, UFSC.

SIERRA DE LEDO, B.; SORIANO-SIERRA, E.J. 1999. **O Ecossistema da Lagoa da Conceição.** Florianópolis: UFSC, CCB, NEMAR.

SILVA, C.S.P.; PROENÇA, C.E.B. 2008. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 22(2): 481-492.

TROPICOS. Tropicos.org. **Missouri Botanical Garden.** [on line]. Disponível em: <<http://www.tropicos.org/>>. Acesso em julho de 2010.

APÊNDICE 1 – Termo de Consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA E ZOOLOGIA

Termo de Consentimento (Anuência Prévia)

Meu nome é Mel Simionato Marques, sou estudante da Universidade Federal de Santa Catarina, aqui em Florianópolis, e estou desenvolvendo um trabalho sobre o uso e o conhecimento de plantas medicinais aqui na comunidade. O título do trabalho é: PLANTAS DE USO MEDICINAL NAS COMUNIDADES DA COSTA DA LAGOA E DO CANTO DOS ARAÇÁS, FLORIANÓPOLIS, SC: RETRATOS DE DOIS MOMENTOS.

O trabalho será apresentado na minha universidade em meados de 2010, como sendo o meu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Ciências Biológicas. Além de mim, está envolvida no projeto a professora Natalia Hanazaki, minha orientadora.

O que queremos com este trabalho é aprender com vocês sobre as plantas medicinais conhecidas e usadas aqui na Costa/Canto dos Araçás. Algumas amostras de plantas poderão ser coletadas (folhas e frutos) e levadas para o laboratório, apenas para serem identificadas. Não vamos fazer nenhum trabalho de extração de princípios ativos; o nosso objetivo é estudar o conhecimento local sobre as plantas. Mas para que este trabalho possa ser realizado e possamos conhecer as plantas, gostaríamos de pedir autorização para visitá-lo (a), conversar sobre os usos e para coletar algumas plantas em seu quintal ou roça, assim como tirar algumas fotos das plantas e de vocês. A qualquer hora o senhor ou a senhora pode parar nossa conversa ou desistir de participar do trabalho, sem trazer nenhum prejuízo. É importante destacar que não temos nenhum objetivo financeiro e que os resultados da pesquisa serão passados a vocês e só serão usados para comunicar outros pesquisadores e revistas relacionadas à universidade.

Caso tenha alguma dúvida basta me perguntar, ou nos telefonar. Nosso telefone e endereço são: Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica, Centro de Ciências Biológicas / Departamento de Ecologia e Zoologia, Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Trindade, CEP 88010-970 Telefone: 3721-9460.

Entrevistado: Depois de saber sobre a pesquisa, de como será feita, do direito que tenho de não participar ou desistir dela sem prejuízo para mim e de como os resultados serão usados, eu concordo em participar desta pesquisa.

Entrevistado

Entrevistador

Data:

Município, Localidade

APÊNDICE 2 – Formulário de caracterização sócio-econômica

INFORMANTE:

Nome do entrevistador: _____ Data: _____

Número da entrevista: _____

Número da casa: _____ Bairro: _____

1. Nome: _____ 2. Sexo: _____

3. Idade: _____

4. Estado civil: _____ 5. Número de filhos: _____ 6. Número de
residentes: _____

7. Local de nascimento:

8. Tempo de residência no local:

9. Residência / Sítio: () própria () alugada () outros:

10. Telefone: _____

Quais plantas você utilizou no último mês?

Que mudanças aconteceram na comunidade nos últimos 15 anos?

APÊNDICE 3 – FORMULÁRIO (adaptado de Schardong, 1996)

No da ficha:_____ Data de coleta:___/___/___

Entrevistador:_____

Ou idem ficha no:_____

Entrevistado:_____

Ou idem ficha no:_____

Endereço:_____

Local de coleta:_____

Nome popular:_____

Habitat: () úmido () seco () ao sol () sombreado () aquática

() alagadiço () rochoso () encosta () planície

Hábito: () árvore () arbusto () erva () liana

Aplicação:_____

Parte utilizada: () folha () flor () raiz () caule () fruto () semente

Modo de preparo: () chá () infusão () emplasto ()

outros:_____

Quantidade empregada: _____

Frequência:_____

Observações adicionais de efeitos da
planta:_____

Com quem aprendeu? () pais () avós () vizinhos ()

Já ensinou pra alguém? () sim () não

Já usou? () sim () não

Tem plantado? () sim () não

Observações extras:

APÊNDICE 4 – Entrevista com Dona J.

A conversa com a Dona J. foi mais informal que as outras entrevistas, já que sua saúde está frágil, ela não ouve bem, sentia-se cansada facilmente e na ocasião da conversa ela estava gripada. Conteí a ela sobre meu trabalho, expliquei o porquê de eu estar ali e fui muito bem recebida.

A Dona J. tem 77 anos de idade, e é viúva há três anos de um senhor que tinha por hábito plantar muito, incluindo plantas medicinais. Durante alguns anos ele trabalhou cuidando de um terreno próximo ao Centro de Saúde onde eram cultivadas diversas espécies de plantas medicinais que tinham seu uso indicado por um médico antigo da comunidade. Ela foi indicada por algumas pessoas da comunidade, sendo sempre relacionada ao marido e seus conhecimentos sobre as plantas.

Dona J. e Seu D. tiveram 11 filhos, todos nascidos na Costa da Lagoa. Ele era pescador e cozinheiro, e plantava feijão, mandioca, milho, baga da noja, café, além de diversas plantas medicinais.

Segundo a Dona J., os pais e avós nunca plantaram, e o que sabe sobre plantas veio a aprender com o marido, que tinha “a mão boa” para plantar. Ela afirmou que para plantar tem que ter “a mão boa”, algo como um dom, que não é qualquer pessoa que planta e nasce, dá certo.

Dona J. não planta mais em seu terreno, disse que quem plantava era o seu marido, e que atualmente nem ela, nem os filhos e netos fazem o mesmo, que eles não têm “a mão boa” para plantar. “Eu tenho pra mim que a terra já ta fraca, já temos há 56 anos”, disse ela, complementando o porquê da família não mais plantar. Quando questionada quanto a ensinar sobre as plantas para os filhos, ela disse que ensinava, mas que eles só querem ir ao médico.

Sua mãe era benzedeira e ela benze também (aprendeu com a mãe) de cobro, de zipra, de carne quebrada, de susto, de verruga, de sapinho, de botar sangue pelo nariz. Para fazer a benzedura, ela utiliza alguma erva, geralmente folha de laranjeira, e para cada caso, há uma oração diferente. Esses conhecimentos costumavam ser passados oralmente, de uma benzedeira para outra pessoa (não necessariamente da mesma família), mas segundo J., atualmente os jovens não se interessam em aprender. Dona J. me explicou que qualquer benzedura tem um número certo de vezes para ser feita e que, em alguns casos, é importante observar a fase da lua para não ter o efeito oposto ao desejado. Das pessoas que benziam na Lagoa, segundo ela, duas não benzem mais por estarem doentes, uma (na Costa) por ter se convertido à religião evangélica e apenas uma – que mora no centrinho da Lagoa – ainda benze.

As plantas que ela me citou foram: salva, cidrão, erva-cidreira, hortelã, maçanilha ou camomila, melissa, sabugueiro, boldo, espinheira-santa,

Quando questionada se ainda utiliza plantas medicinais, ela respondeu “agora a gente só quer ir no médico, não usa mais muita planta”.

Sobre as mudanças na comunidade, ela contou que antes não havia o posto de saúde, não tinha médico, dentista, não tinha barco, rede de esgoto, água. Segundo ela, “agora tá muito cheio de gente de fora, estão começando a incomodar”.

Dona J. contou que antigamente saía às 4:00 pelo morro, chegava no (bairro) Saco Gande às 6:00 e pegava o ônibus até o centro da cidade para ir ao médico e pegar remédio no departamento de saúde. Disse que perdeu um filho de “tosse comprida”, outro de sarampo e um terceiro de “ataque de bicha” (ou “alvorçamento de vermes”). Ela falou que não existem mais várias doenças, comum em outra época, como catapora, “bexiga”, “tosse comprida”, “ataque de bicha”.

O desfecho da conversa foi depois de um café quentinho com bolo delicioso oferecido por Dona J. e sua filha que estava em casa naquele momento.